

Casa do Outeiro, Gémeos, Celorico de Basto Projeto de Reabilitação para turismo rural

Filipa Martins Teixeira

20211298

Orientadores:

Professor Doutor Nelson Barata Antunes

Professora Doutora Liliana Marisa Carraco Neves

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Artes aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciatura na Licenciatura de Design de Interiores e Equipamento, realizada sob a orientação científica da Professora Adjunta Convidada Doutora Liliana Marisa Carraco Neves e do Professor Doutor Nelson Barata Antunes do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Junho de 2024

Composição de júri

Presidente do júri

Professor Doutor Ricardo Jorge Nunes da Silva

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas - IPCB

Vogais

Arguente: Professora Doutora Graça Maria de Rovisco Garcia Pedroso

Malaguerra Nunes

Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de

Artes Aplicadas – IPCB

Orientador: Professor Doutor Nelson Barata Antunes

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas – IPCB

Orientadora: Professora Doutora Liliana Marisa Carraco Neves

Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de Artes

Aplicadas - IPCB

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço e dedico este projeto aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram ao longo deste percurso.

Agradeço, também, aos meus orientadores à professora Liliana Neves e ao professor Nelson Antunes por toda a ajuda e aprendizagens que me proporcionaram, assim como, agradeço aos restantes docentes que contribuíram para todas as aprendizagens ao longo do meu percurso académico.

Por fim, um especial agradecimento á minha família por todo o apoio recebido ao longo de três anos desafiantes e a todas as minhas amigas que me acompanharam e ajudaram neste percurso tão especial.

Resumo

O vigente trabalho apresentado insere-se na unidade curricular de projeto final de Design de Interiores e Equipamento, sendo lecionado na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Para o Projeto Final apresenta-se como proposta a reabilitação de uma antiga casa senhorial datada do século XVIII situando-se no distrito de Braga no concelho de Celorico de Basto, mais especificamente, na terra de Gémeos. A Casa do Outeiro, é identificada como propriedade privada e, com este, o objetivo é reabilitar o mesmo com uma proposta de turismo rural que dará ênfase ao local em volta contribuindo para o desenvolvimento de turismo na zona onde se localiza.

Conforme os séculos foram transitando, a habitação continuou a ser de propriedade privada apenas alterando de proprietário, preservando-se desde que foi erguida. A habitação é composta por uma capela privada e por dois pisos contendo o piso térreo uma adega tradicional e um lagar de vinho juntamente com vários espaços onde se colocavam os produtos agrícolas e, no primeiro piso é onde se habitaria.

A proposta desenvolvida dividiu os dois pisos como zonas distintas, o piso 0 como uma zona social e o piso 1 como zona privativa onde se situam os quartos. No piso 0 é onde se situará a receção, três instalações sanitárias e uma sala de refeições com apenas serviço de pequeno-almoço e, uma parte mais isolada direcionada apenas para os funcionários. Propõem-se, também, no mesmo, um pequeno roteiro turístico pela adega e pelo lagar de vinho que dará oportunidade a pessoas residentes e não residentes de o visitar. No piso 1 apenas estão propostos 6 quartos e duas salas sociais apenas para residentes, com capacidade de alojar 14 pessoas. No alojamento irão trabalhar apenas 6 funcionários que irão ser divididos por zonas, pela receção, pelo roteiro turístico da adega e lagar, pela copa e pela zona de arrumos de roupa dando assistência e apoio a cada espaço necessitado.

Palavras chave

Turismo rural; Reabilitação; Design de Interiores; Casa Senhorial

Abstract

This work is part of the Interior Design and Equipment final project course being taught at the School of Applied Arts of the Castelo Branco Polytechnic Institute.

The Final Project proposes the rehabilitation of an old manor house dating from the 18th century, located in the district of Braga in the municipality of Celorico de Basto, more specifically in the land of Gémeos. Casa do Outeiro is identified as private property and the aim is to rehabilitate it with a rural tourism proposal that will emphasize the surrounding area and contribute to the development of tourism in the area where it is located.

As the centuries passed, the dwelling continued to be privately owned, only changing ownership, and has been preserved since it was built. The house consists of a private chapel and two floors, with the first floor containing a traditional cellar, a wine press along with various spaces where agricultural products were stored, and the second floor is where the house was built.

The proposal developed divided the two floors into separate areas, the ground floor as a social area and the first floor as a private area where the rooms are located. On the ground floor there will be a reception, three toilets and a dining room with breakfast service only, and a more secluded part for staff only. A small tour of the winery and mill is also proposed, which will give residents and non-residents the opportunity to visit it. On the first floor, there are only 6 bedrooms and two social rooms for residents only, with the capacity to accommodate 14 people. The accommodation will be staffed by just 6 employees who will be divided into areas: reception, the winery and mill tour, the pantry and the laundry area, providing assistance and support to each area in need.

Keywords

Rural tourism; Rehabilitation; Interior design; Manor house

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract	V
Índice	VII
Índice de figuras	IX
Lista de tabelas	X
1. Introdução	1
2. Identificação do projeto	2
2.1. Localização	3
2.2. Existente	3
2.3. Enquadramento geográfico e histórico	6
3. Fundamentação e justificação da escolha.....	9
4. Objetivos a atingir	10
5. Planeamento e metodologia projetual.....	10
6. Pesquisa	13
6.1. Turismo rural – definição.....	13
6.2. Casos de estudo.....	15
6.2.1. The Vagar Country House/David Bilo + Filipe Pina	15
6.2.2. Bode Country House/PLATAFORMARq	16
6.2.3. Vilã Casas de Campo/Logoexisto por Paz de Costa Arquitetura + Interiores.....	18
6.3. Legislação aplicável.....	20
6.4. Estruturas envidraçadas.....	22
6.4.1. Casa de Vidro, Ângela Roldão Arquitetura	22
6.5. Adegas tradicionais.....	23
7. Conceito	29
7.1. Público-alvo.....	29
7.2. Identificação das condicionantes.....	29
7.3. Solução das condicionantes.....	30
8. Desenvolvimento da proposta.....	31
8.1. Organograma/definição de zonas e espaços	31
8.2. Propostas iniciais.....	33
8.3. Proposta final.....	38
8.4. Estrutura metálica e envidraçada	46
8.5. Materiais e paleta cromática	47
8.6. Iluminação	50

9. Conclusão.....	55
10. Referências bibliográficas.....	56
11. Bibliografia.....	59

Índice de figuras

Figura 1 - Rua do Outeiro, Gémeos, Celorico de Basto, localização da habitação, Fonte: Google Maps	2
Figura 2 - Terra de Gémeos pertencente ao concelho de Celorico de Basto, localização da habitação, Fonte: Google Maps.....	2
Figura 3 - Casa do Outeiro, piso 0, Fonte: Autor	3
Figura 4 - Casa do Outeiro, piso 1, Fonte: Autor	3
Figura 5 - Casa do Outeiro, área exterior, Fonte: Autor	4
Figura 6 - Casa do Outeiro, espaço de armazenamento, piso 0, Fonte: Autor...4	4
Figura 7 - Casa do Outeiro, espaço de armazenamento agrícola, piso 0, Fonte: Autor	4
Figura 8 - espaço existente, piso 0, Fonte: Autor	4
Figura 9 - Casa do Outeiro, espaço do piso 0, Fonte: Autor.....	4
Figura 10 - Casa do Outeiro, túnel de acesso às adegas e ao exterior, Fonte: Autor.....	5
Figura 11 - Casa do Outeiro, espaço de antiga produção de vinho, Fonte: Autor.....	5
Figura 12 - Casa do Outeiro, espaço de adega, Fonte: Autor	5
Figura 13 - Casa do Outeiro, adega com pipas, Fonte: Autor.....	5
Figura 14 - Casa do Outeiro, varanda/corredor piso 1, Fonte: Autor	5
Figura 15 - Casa do Outeiro, cozinha tradicional, Fonte: Autor	5
Figura 16 - Casa do Outeiro, corredor para o interior da habitação, Fonte: Autor.....	6
Figura 17 - Casa do Outeiro, casa de banho, Fonte: Autor	6
Figura 18 - Casa do Outeiro, quarto, Fonte: Autor.....	6
Figura 19 - Casa do Outeiro, sala de jantar, Fonte: Autor	6
Figura 20 - Casa do Outeiro,quarto com quartos incorporados, Fonte: Autor..6	6
Figura 21 - Casa do Outeiro, salão 1, Fonte: Autor	6
Figura 22 - Casa do Outeiro, teto dos salões, Fonte: Autor.....	6
Figura 23 - Casa do Outeiro, salão 2, Fonte: Autor	6
Figura 24 - Castelo de Arnoia, Celorico de basto, Fonte: Rota do Românico...7	7
Figura 25 - Castelo de Arnoia, vista diferente, Celorico de basto, Fonte: Rota do Românico.....	7
Figura 26 - The vagar country house, Imagens dos interiores e exterior - Fonte_ Estúdio Ivo Tavares	14
Figura 27 - The vagar country house, piso 0.....	15
Figura 28 - The vagar country house, piso 1.....	15
Figura 29 - Bode country house, piso 0 Fonte: João Saraiva	16
Figura 30 - Bode country house, piso 0 Fonte: PPLATAFORMArq	17
Figura 31 - Bode country house, piso 1 Fonte: PPLATAFORMArq	17

Figura 32 Vilã, Casas de campo, Imagens dos interiores e exterior, Fonte: Maurício Teixeira -	18
Figura 33 - Vilã, Casas de Campo, piso 0, Fonte: Logoexisto Paz de Costa	19
Figura 34 - Vilã, Casas de Campo, piso 1, Fonte: Logoexisto Paz de Costa	19
Figura 35 - Vilã, Casas de Campo, piso 2, Fonte: Logoexisto Paz de Costa	19
Figura 36 - Casa de vidro, Ângela Roldão Arquitetura - Fonte: Ângela Roldão Arquitetur.....	23
Figura 37 - Caves Taylor's, Fonte_ Adrian Bridge - CEO.....	25
Figura 38 - Adega Quinta da Avelada, Fonte: Alexandra Costa.....	25
Figura 39 - Adega de Poças, Fonte: Manoel D. Poças Junior.....	25
Figura 40 - Caves Sandeman, Fonte: WINTP.....	25
Figura 41 - Caves Porto Ferreira, Fonte: Sogrape.....	25
Figura 42 - Caves Cockburn's, Fonte: Symington Family Estates Vinhos SA....	25
Figura 43 - Vindima, tradicional método de pisar as uvas, Fonte: Jorge M.Cabral.....	26
Figura 44 - Vindima, carro de bois, Fonte Engenheiro Agrónomo de Oliveira Silvestre.....	26
Figura 45 - Vindima, beber vinho das pipas, Fonte: Osvaldo Meira Trigueiro	26
Figura 46 - Moodboard de conceito, Fonte: Autor	27
Figura 47 - Moodboard estético, Fonte: Autor	28
Figura 48 - Exemplo de humidade, Fonte: Autor	30
Figura 49 - Pavimento exterior em terra, Fonte: Autor	30
Figura 50 - Laje em tijolo no piso 0, Fonte: Autor	30
Figura 51 -Varanda do piso 1 sem proteção, Fonte: Autor	30
Figura 52 - Organograma do piso 0, Fonte: Autor	32
Figura 53 - Organograma do piso 1, Fonte: Autor.....	33
Figura 54 - Estudo 1 da proposta do piso 0, Fonte: Autor	34
Figura 55 - Estudo 2 da proposta do piso 0, Fonte: Autor	35
Figura 56 - Estudo de proposta do piso 1, Fonte: Autor	37
Figura 57 - Estudo de proposta do piso 1, Fonte: Autor	37
Figura 58 - Planta de apresentação do piso 0, Fonte: Autor	37
Figura 59 - Corte DD', Fonte: Autor	39
Figura 60 - Maquete de estudo do balcão, Fonte: Autor	40
Figura 61 - Desenho de conjunto do balcão, Fonte: Autor	40
Figura 62 - Renders da adega e do lagar de vinho, Fonte: Autor.....	41
Figura 63 - Corte BB', Fonte: Autor	42
Figura 64 - Corte AA', Fonte: Autor	42
Figura 65 - Planta de apresentação do piso 1, Fonte: Autor	44
Figura 66 - Corte FF', GG' e HH', Fonte: Autor	44

Figura 67 - Render da mezanine, Fonte: Autor	45
Figura 68 - Render sala de convívio e sala de jogo, Fonte: Autor	46
Figura 69 - Maquete de estudo da estrutura, Fonte: Autor.....	47
Figura 70 - Maquete de estudo final da estrutura, Fonte: Autor	48
Figura 71 - Representação de alguns materiais utilizados.....	48
Figura 72 - Quarto familiar, Fonte: Autor.....	49
Figura 73 - Alguns dos materiais utilizados no interior.....	50
Figura 74 - Renders dos quartos 3 e mobilidade reduzida, Fonte: Autor.....	51

Lista de tabelas

Tabela 1 - Planeamento das atividades a desenvolver	14
Tabela 2 - Metodologia projetual, com base na metodologia de Bruno Munari, 2014	15

1. Introdução

No âmbito da unidade curricular de Projeto lecionada no 6º semestre da Licenciatura de Design de Interiores e Equipamento é proposto o desenvolvimento de um trabalho final, com o qual se pretende serem aplicados todos os conhecimentos e aprendizagens que foram adquiridos ao longo do percurso académico.

O projeto que agora se apresenta é uma antiga casa senhorial datada do século XVIII – Casa do Outeiro – localizada em Celorico de basto, Gémeos, na Rua do Outeiro. Este tem como propósito realizar a sua reabilitação adaptando-se para um alojamento para Turismo Rural. Por intermédio de um levantamento dimensional do edifício efetuado no espaço, tal como se encontra atualmente, entende-se que é composto por dois pisos – piso 0 e o piso 1.

O interior deste edifício é dividido por dois pisos sendo o piso 0 uma zona mais social no qual se situa uma adega de vinho tradicional e um lagar de vinho onde será feito um pequeno roteiro turístico, sala de refeições, instalações sanitárias e zona privada para funcionários. No primeiro piso, é onde se situam os quartos e a sala de convívio e de jogo, um piso privativo apenas para os seus residentes. No mesmo destacam-se três espaços, um espaço de uma antiga cozinha tradicional com 7,25m de pé direito e dois grandes salões, com 4,24m e 4,34m de pé direito, com tetos trabalhados em madeira que oferecem um grande potencial ao seu interior devido á preservação que nestes está contida. É de importante relevância mencionar que esta habitação contém uma capela incorporada, a qual não será intervinda.

O relatório do projeto está organizado de forma a demonstrar todo o desenvolvimento do mesmo. Numa primeira parte será apresentado a identificação do projeto para dar a conhecer melhor ao leitor o edifício, assim como, onde se localiza e o seu enquadramento geográfico e histórico. Realizou-se uma pesquisa sobre vários pontos que serviram de suporte e que foram abordados ao longo do projeto, tais como, casos de estudo, legislação, estruturas e adegas tradicionais pois, são aspetos que foram necessários para um bom desenvolvimento do trabalho.

Seguidamente desta pesquisa será apresentado o conceito pretendido para o espaço, assim como, todo o desenvolvimento da proposta deste projeto mostrando todos os aspetos mais relevantes e justificações dos mesmos que levaram ao seu progresso.

Este projeto será um grande contributo para a zona onde se localiza, pois, irá destaca-la e, de certa forma, evoluirá a nível de turismo. Por fim, todo o desenvolvimento deste projeto desde a sua fase inicial até á sua fase final revelou-se como uma grande aprendizagem a vários níveis, permitindo o conhecimento de certos aspetos que até então não teriam sido abordados.

2. Identificação do projeto

O projeto consiste na reabilitação de uma casa senhorial, Casa do Outeiro, que contém uma área habitacional de, aproximadamente, 615 m² com o objetivo de transformar a mesma em turismo rural. Por essa razão o seu interior sofrerá intervenções para, assim, complementar os objetivos que são pretendidos com o projeto até à sua fase final.

2.1. Localização

A Casa do Outeiro localiza-se no concelho de Celorico de Basto, no distrito de Braga, mais especificamente, na terra de Gémeos na Rua do Outeiro, figura 1. A terra de Gémeos, figura 2, é uma pequena terra com 4,02 Km², que faz parte da união de freguesias de Britelo, Gémeos e Ourilhe no concelho de Celorico de Basto.



Figura 1 - Rua do Outeiro, Gémeos, Celorico de Basto, localização da habitação, Fonte: Google Maps

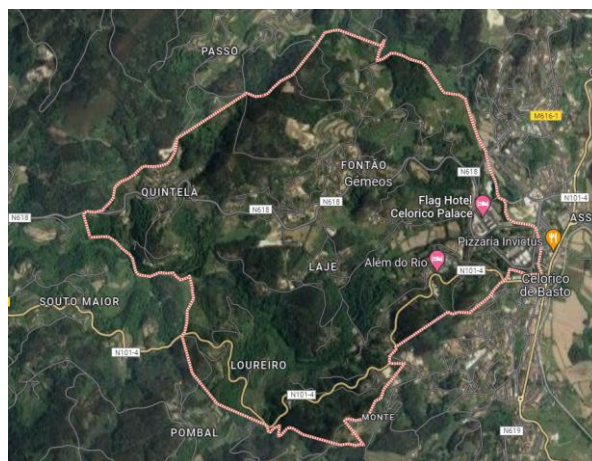


Figura 2 - Terra de Gémeos pertencente ao concelho de Celorico de Basto, localização da habitação, Fonte: Google Maps

A distância é de 1,9 Km do concelho o que facilita na visita dos diversos locais e atrações que esta pode oferecer aos que a visitam. Na envolvência de todo o meio, tanto do concelho como da terra, encontram-se diversos locais de interesse e com uma beleza particularmente encantadora. Importante será mencionar que esta é uma zona com história e onde se localizam alguns edifícios como casas senhoriais e igrejas que se integram na conhecida rota do românico (Castelo de Arnoia, Igreja de Santa Maria de Veade, Igreja do Salvador de Ribas). Encontram-se locais com paisagens encantadoras ao olhar e cascatas formosas (Cascatas das Fiskas de Ermelo, Ermelo), para além destas é de enorme relevância o artesanato e a gastronomia da região. Por fim, Celorico de Basto é conhecido como a capital das camélias sendo esta um património do concelho, no qual se podem visitar diversos locais com graciosos

jardins geometricamente concebidos com exuberantes camélias. Entre estas existem outras atrações no local sendo estas as mais relevantes, as que são mais procuradas pelo turismo e as que fazem do concelho uma zona valorizada.

2.2. Existente

A planta do existente do edifício, Casa do Outeiro, apresenta uma habitação não só com décadas de existência, mas também com uma grande área, podendo ser esta observada nas figuras 5 e 6. Trata-se de uma edificação com algumas condicionantes, principalmente nos tetos trabalhados que esta contém, pelo menos, em três espaços no piso 1, na antiga cozinha tradicional e em dois salões existentes. Esta condicionante não permite uma certa flexibilidade na criatividade acabando por limitar toda a sua criação pois, é importante manter e preservar os mesmos.

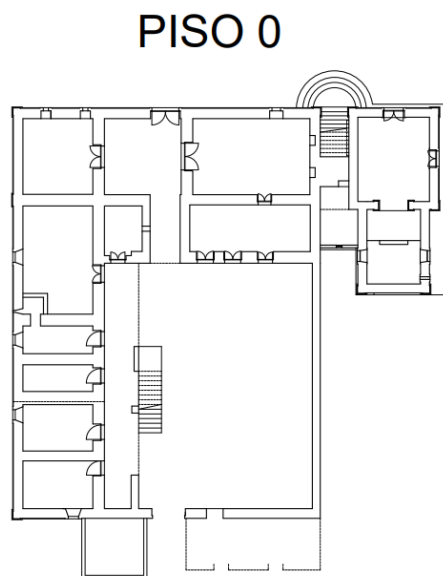


Figura 3 - Casa do Outeiro, piso 0,
Fonte: Autor

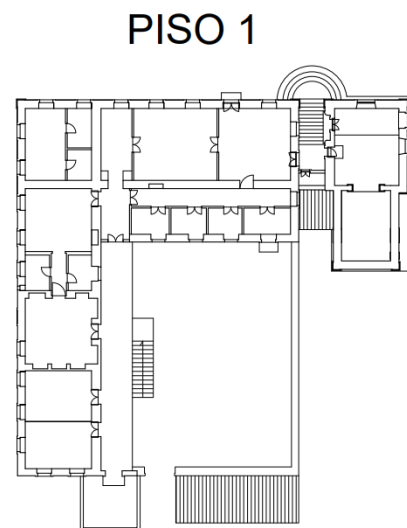


Figura 4 - Casa do Outeiro, piso 1,
Fonte: Autor

Para se entender um pouco melhor dos espaços interiores desta habitação passa-se, assim, a explicar o piso 0. Na entrada contém uma grande área externa, um corredor para circular e umas escadas que dão acesso ao piso 1, tal como se pode observar na figura 5, de seguida, os cinco espaços localizados á esquerda no piso 0 são designados como espaços onde se colocavam as colheitas de produtos agrícolas, representados nas figuras 6 e 7, como cebolas, uvas, entre outros. O facto de os espaços serem pequenos e bastante fechados tinham como objetivo não permitir a entrada de luz nem de calor para não estragarem as colheitas, os mesmos podem ser observados também nas figuras 8 e 9.



Figura 5 - Casa do Outeiro, Área exterior, Fonte: Autor



Figura 6 - Casa do Outeiro, espaço de armazenamento, piso 0, Fonte: Autor



Figura 7 - Casa do Outeiro, espaço de armazenamento agrícola, piso 0, Fonte: Autor



Figura 8 - Casa do Outeiro, espaço existente piso 0, Fonte: Autor



Figura 9 - Casa do Outeiro, espaço do piso 0, Fonte: Autor

No piso 0 na parte posterior ás escadas existe um túnel, figura 10, que dá acesso á adega e ao lagar de vinho, espaços onde se produzia o vinho antigamente, podendo ser estes observados nas figuras 11, 12 e 13. Passando para o piso 1, o seu acesso é feito através das escadas externas presentes na área exterior do piso 0. Subindo as escadas deparamo-nos com uma varanda com quatro acessos ao interior do edifício, que se pode observar na figura 14. Nos dois primeiros espaços não foi

conseguido acesso aos mesmos, mas no terceiro espaço é a entrada para a cozinha tradicional da época toda construída em pedra com um pé-direito de 7,25 m, como se pode observar na figura 15; o quarto acesso que se pode ver ao fundo da varanda é uma porta de entrada aos restantes espaços interiores como os quartos e os salões.



Figura 10 - Casa do Outeiro, túnel de acesso às adegas e ao exterior, Fonte: Autor



Figura 11 - Casa do Outeiro, espaço de antiga produção de vinho, Fonte: Autor



Figura 12 - Casa do Outeiro, espaço de adegas, Fonte: Autor



Figura 13 - Casa do Outeiro, adegas com pipas, Fonte: Autor



Figura 14 - Casa do Outeiro, varanda/corredor piso 1, Fonte: Autor



Figura 15 - Casa do Outeiro, cozinha tradicional, Fonte: Autor

Seguindo o percurso através da cozinha existe um pequeno corredor, figura 16, que dá acesso a uma casa de banho, apresentada na figura 17, acesso a um quarto, figura 18, acesso á antiga sala de refeição, figura 19, e ao resto da habitação. Através da sala de refeição existem dois acessos um diretamente a um quarto maior com dois quartos incorporados no mesmo, como se pode observar na figura 20, o segundo acesso é aos dois grandes salões, nas figuras 21, 22 e 23, e mais quatro espaços individuais sendo um deles um escritório. Através das imagens apresentadas consegue-se perceber que esta habitação contém alguns anos e algumas condicionantes.



Figura 16 - Casa do Outeiro, corredor para o interior da habitação, Fonte: Autor



Figura 17 - Casa do Outeiro, casa de banho, Fonte: Autor



Figura 18 - Casa do Outeiro, quarto, Fonte: Autor



Figura 19 - Casa do Outeiro, sala de jantar, Fonte: Autor



Figura 20 - Casa do Outeiro, quarto com quartos incorporados, Fonte: Autor



Figura 21 - Casa do Outeiro, salão 1, Fonte: Autor



Figura 22 - Casa do Outeiro, teto dos salões, Fonte: Autor



Figura 23 - Casa do Outeiro, salão 2, Fonte: Autor

2.3. Enquadramento geográfico e histórico

A Casa do Outeiro localiza-se, geograficamente, numa terra pertencente ao distrito de Braga, mais especificamente, em Celorico de Basto, Gémeos, na Rua do Outeiro. Celorico de Basto é uma terra que tem vindo a crescer ao longo dos anos, tanto a nível cultural como a nível de turismo, devido á grande procura desta pelos turistas consequente das experiências que Celorico tem vindo a oferecer. Agora, abordando um pouco do que seria antes de toda a transformação e rumo que tem levado, Celorico, hoje em dia, é uma vila que conta com 18 000 mil habitantes, mas o mesmo não se dizia na época passada onde tudo começou dando origem a esta belíssima terra (Município de Celorico de Basto, 2022).

Com base no site do Município de Celorico de Basto, 2022, no que toca á história desta terra o concelho integra-se numa área geográfica muito conhecida como Terras de Basto, a qual está centrada sobre o rio Tâmega representando, esta zona, uma identidade cultural muito específica, assim como, apresenta zonas montanhosas que se enquadram numa extensa rede de cursos de água proporcionando a tradicional agricultura de subsistência. Celorico não tem fácil acesso á sua origem, apenas com muitas análises de documentos antigos é que, talvez, possa ter sido encontrada uma origem e, para tal, são analisados dois topónimos identificativos deste belo concelho, citando do site do Município de Celorico de Basto, 2022:

“Assim, relativamente ao “território de Basto”, as mais antigas referências documentais em que surgem os topónimos Basto e Celorico surgem no século XI: um de 1064 que se refere ao “Castellum Celorici et oppidi ibi...” (LEMOS, 1988) e outro de 1092 que cita propriedades “sub urbis Cellorico et territorio Basto” (DIPL. et CHARTAE. n.º 755). Aqui, tal como, posteriormente, nas Inquirições de 1220 (P.M. H., 1858), o nome Celorico aparece sem sobrenome, enquanto nas Inquirições de 1258 (P.M. H., 1858), já aparece o epíteto “de Basto”.

Está ligado, também, á sua origem o Castelo de Arnoia, figura 24 e 25, explicando melhor, o Castelo de Celorico, vulgarmente conhecido por Castelo de Arnoia por se localizar nessa mesma freguesia (Arnoia), é um dos mais importantes monumentos que foi deixado para contar a história desta terra (Município de Celorico de Basto, 2022).



Figura 24 - Castelo de Arnoia, Celorico de Basto, Fonte: Rota do Românico



Figura 25 - Castelo de Arnoia, Vista diferente, Celorico de Basto, Fonte: Rota do Românico

O Castelo de Arnoia é um monumento militar situado sobre a antiga povoação de Villa de Basto que foi, durante um longo tempo, sede do território, atualmente, é defendida e conservada uma parte da sua edificação. Em 1520, por D. Manuel I, foi fundado o concelho de Celorico de Basto e, em 1719, a mando de D. João V, a sede do concelho de Celorico foi deslocalizada para junto do Freixieiro ficando, na altura, designada como a Vila Nova de Freixieiro que, mais tarde, foi alterada e foi designada como Celorico de Basto tal como ainda permanece nos tempos de hoje. Atualmente, o concelho é composto por 15 freguesias, devido a uma reorganização administrativa que originou a fusão e agregação de freguesias, com 18 000 habitantes e uma área de 181,07 km² pertencendo ao distrito de Braga na região do Norte e sub-região do Tâmega e Sousa.

Embora Celorico tenha vindo a sofrer alterações a nível evolutivo, sempre resguardou e conservou todo o património histórico da terra sendo assim, de enorme relevância mencionar que, maior parte dos solares e casas nobres mais emblemáticas que foram edificadas em Celorico, na época, aconteceram por volta do século XVIII e são estes que, atualmente, dão muito valor ao concelho de Celorico de Basto passando, assim, a realçar algumas destas edificações presentes no Concelho seguindo, assim, a citar do site do Município de Celorico de Basto, 2022:

“De entre as várias dezenas, convém realçar, pela sua qualidade artística, os Solares do Casal, Telhô e Travassinhos, em Arnoia, os da Boavista, Capela e Outeiro, em Veade, o da Granja, em Ribas, o do Prado, em Britelo, os de Gandarela e Souto em S. Clemente de Basto, os do Campo e Eiras, em Molares, os da Cruz e Portela, em Gagos e os de Cabo Vila e Barreiro em Canedo de Basto, os do Melhorado, Reguengo e Ribeira, em Vale de Bouro, entre outros.” (Câmara Municipal de Celorico de Basto, 2022).

Por fim, em relação á freguesia de Gémeos, não foi encontrada muita informação sobre esta terra, sobre como e o que seria na época do século XVIII sendo importante mencionar que, Gémeos, é uma terra que pertence ao concelho de Celorico de Basto, sendo esta uma freguesia individual até 2013, pois, atualmente, Gémeos está ligado á União de freguesias de Britelo, Gémeos e Ourilhe fazendo, assim, parte do concelho de Celorico de Basto.

Sobre o edifício a ser trabalhado não existem grandes informações nem grandes relevâncias sobre o mesmo, apenas se consta que é um edifício com muitos anos estando erguido desde o século XVIII. A Casa do Outeiro é uma casa residencial que está enquadrada num meio rural considerando-se um pouco isolada. Segundo

conversa com o Professor Pedro Gonçalves¹ e informações dadas pelo atual proprietário, no século XX, pertencia a uma família conhecida como Alves Machado mas, infelizmente, não foram conseguidas mais informações sobre os antigos proprietários do século XVIII. Em relação á edificação esta desenvolve-se numa planta em L com dois corpos de dimensões semelhantes contendo a sua fachada principal virada para nordeste, nesta, podemos observar também uma capela que, apenas com base em informações das pessoas que ali moram, era dedicada ao Santo São Gonçalo ou ao Santo São Geraldo. Nesta fachada, observa-se umas grandes escadarias ladeadas pela capela que dão acesso ao piso superior do edifício e, também, ao lugar interior privado de vista para a Capela para assistir a missa ou a orações. A habitação, bastante abastada, desenvolve-se em dois pisos, o piso 0 apenas era destinado ás atividade agrícolas, e, o piso 1 era destinado apenas para habitação onde é notável e visível uma grande distribuição ritmada de janelas em guilhotina.

3. Fundamentação e justificação da escolha

O concelho de Celorico de Basto é a minha terra natal e, neste, sempre visitei e conheci diversos locais que a ele pertencem e nos quais tenho imensas memórias. Um dos valores deste concelho que sempre me cativou desde nova são os edifícios com carga histórica e os que, a todo o momento, me fascinam são as casas senhoriais. Por este motivo a minha escolha foi uma casa senhorial, Casa do Outeiro, na minha terra natal pelo facto não só de ser uma casa senhorial com bastantes anos, mas também por ter alguma carga emocional. No entanto, conforme os anos que vivi permanentemente em Celorico de Basto deparei-me com uma grande evolução e crescimento na área do turismo, principalmente, pelas atrações que já continha e pelas que foram a seguir criadas, sendo cada vez mais notório que o concelho foi progredindo de forma positiva.

O projeto visa, assim, enaltecer e reavivar não só a própria habitação que, estando desabitada ainda se mantém intacta pela sua boa preservação, mas também a terra e o concelho onde se localiza permitindo uma maior fluência de turismo na zona, valorizando e permitindo que outros possam usufruir da exuberante cultura, tradição e património da mesma. Este é um projeto que será cativante e desafiador onde poderei atribuir liberdade e oportunidade á minha imaginação para tornar o espaço no que é pretendido, oferecendo num possível futuro uma maior evolução e um maior desenvolvimento, não só social, mas também económico e cultural.

¹ Professor Pedro Gonçalves da disciplina de História de Portugal da Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto.

4. Objetivos

Os objetivos que são pretendidos no projeto a desenvolver visam atender às situações já mencionadas, reavivar a habitação, ajudar na evolução do turismo na zona onde se situa e permitir que outros possam usufruir da tradição, cultura e património do local colaborando para o desenvolvimento social e económico. Para além destas o objetivo é, também, atender às necessidades do cliente quanto à estética, ao conforto e à funcionalidade do espaço ao mesmo tempo que, é procurado contribuir para a preservação da habitação de forma a conseguir enquadrar-se na essência do próprio local. No seu interior o objetivo é criar um espaço que seja funcional e acolhedor, de maneira a ser não só atrativo e interessante à vista de outros, mas também que seja um interior aconchegante que remeta a um espaço de família, quente e confortável como se fosse o próprio lar de quem o irá usufruir. Por tal motivo, pretende-se que sejam criados espaços comuns como salas de estar, de lazer e sala de refeições onde as pessoas se possam cruzar e eventualmente conviver.

Por fim, com este projeto é pretendido aprofundar e aplicar todos os conhecimentos que foram adquiridos ao longo da minha formação académica na licenciatura de Design de Interiores e Equipamento.

5. Planeamento e metodologia projetual

De acordo com o que é pedido para a execução e processo de todo o projeto é necessário criar uma tabela de planeamento para uma boa resolução do mesmo, para tal, foi assim criado um prévio estudo de planeamento do processo do projeto, presente na tabela 1. Como se pode observar é apenas um pequeno estudo de todas as ações a serem feitas ao longo do processo desde o seu início, fevereiro, até à sua entrega, junho, e, por fim, a sua apresentação, por tal prevê-se que todo o planeamento seja cumprido e entregue corretamente com todos os aspetos requeridos.

Tabela 1 - Planeamento das atividades a desenvolver

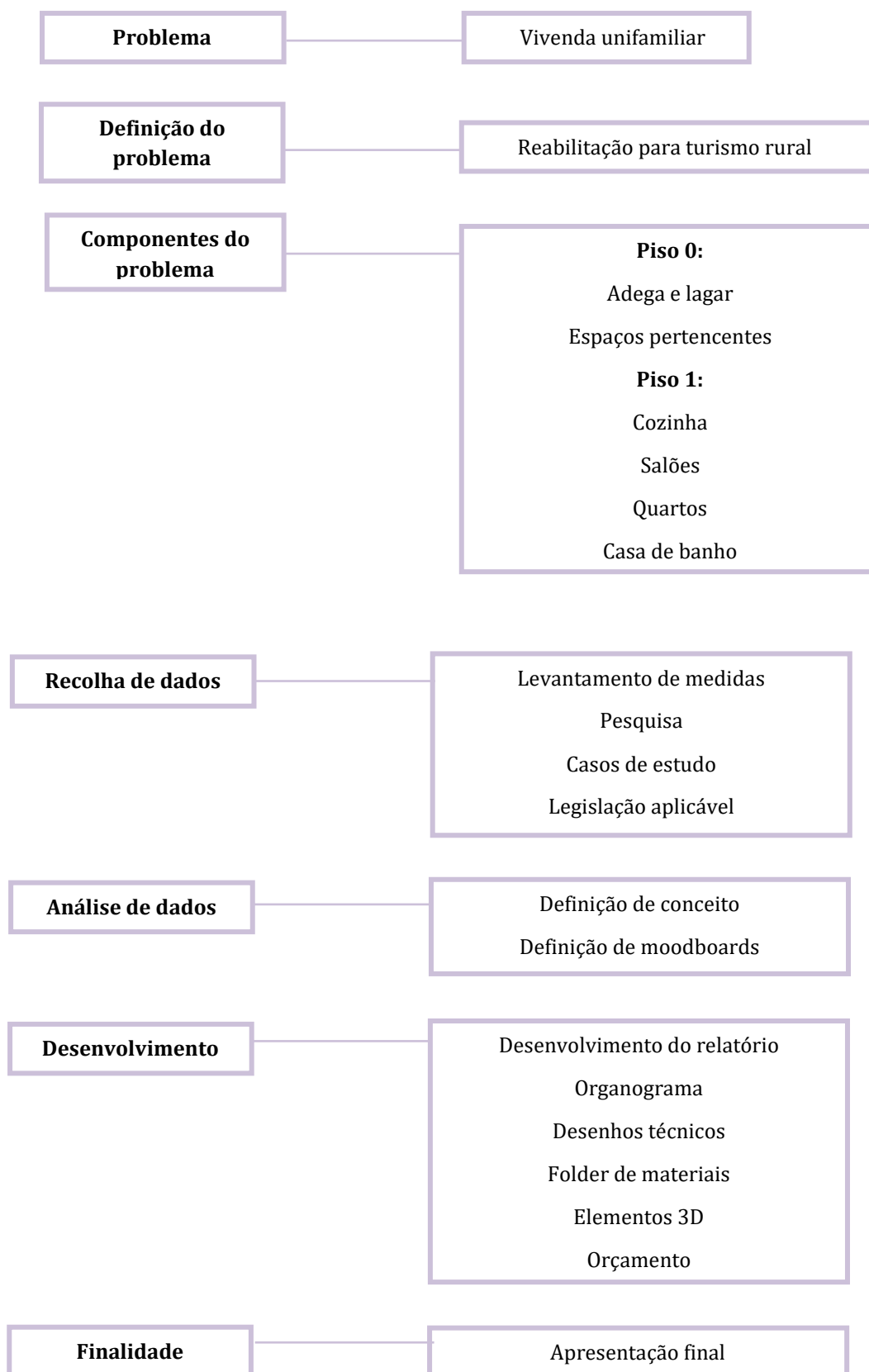
Atividades	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Pesquisa inicial de espaços semelhantes (casos de estudo)						
Início da elaboração do relatório final						
Definição de conceitos, programa e desenvolvimento de organogramas						
Plantas e cortes - escala 1/50 ou 1/20						
Realização de estudos						
Definições finais e desenvolvimento da definição de cores, materiais e soluções necessárias						
Iniciar o folder de materiais						
Finalização de desenhos técnicos e, se for necessário acrescentar ou corrigir nos mesmos						
Iniciação de simulações 3D						
Finalização do relatório						
Renders finais						
Ajustes finais						
Entrega						
Apresentação						

Metodologia projetual

O planeamento de atividades a serem desenvolvidas não é o suficiente para se organizar todo um projeto desta dimensão, então, foi criada uma metodologia projetual para uma melhor guia de projeto. A metodologia projetual, apresentada na tabela 2, foi criada com base na metodologia projetual de Bruno Munari a qual, com base na sua obra, *Das Coisas Nascem Coisas*, publicada em (1981), simplesmente, para ele o projetista não deve abordar o problema de uma forma romântica, ou seja, de uma forma em que olhando para o problema logo nascem ideias geniais e repentinas com uma imediata solução ideal, mas não é assim que acontece logo o problema deve ser bem analisado e conhecido para assim o poder desenvolver e, ter ideias para o que pretende, “O problema não se resolve por si só; no entanto, contém já todos os elementos para a sua solução, é necessário conhecê-los e utilizá-los no projeto de solução.”(Munari, 1981,p.41). Ou seja, com esta ideia Munari quer transmitir que, sempre que temos um problema devemos explorá-lo ao máximo e pesquisando e analisando dados sobre o mesmo para que nada seja deixado para trás e, assim, conseguimos alcançar a solução que desejamos atingir.

Com base neste, foi assim criada uma metodologia projetual para o projeto da Casa do Outeiro, como se observa na tabela 2.

Tabela 2, Metodologia projetual, com base na metodologia de Bruno Munari do livro Das coisas nascem Coisas, 1981, Fonte: Autor



6. Pesquisa

6.1. Turismo rural - definição

O Turismo Rural (TR), com base em pesquisas e de acordo com o Decreto-lei, Portaria nº937/2008, de 20 de agosto, tem como objetivo permitir que o ser humano obtenha um contacto mais direto e genuíno com a natureza assim como com a agricultura e com as tradições do local. Definindo mais especificamente, Turismo Rural, o próprio nome indica que este está relacionado com o turismo desempenhado em destinos rurais, contendo alojamento, atividades turísticas rurais, animação e eventos, sendo este género de turismo mais ligado às tradições do local, dependendo do local onde este esteja inserido, á paisagem rural e á agricultura. Atualmente são cada vez mais projetadas grandes habitações com o objetivo de fazer turismo rural e é através destas que é feita a hospedagem, como por exemplo, em casas de campo, hotéis rurais e casas de agroturismo onde as pessoas possam usufruir de uma experiência diferente com a natureza juntamente com um ambiente rural e familiar.

É de enorme relevância mencionar que os edificios utilizados para este tipo de turismo devem incorporar os valores e traços arquitetónicos da região assim como as matérias construtivas utilizadas nos mesmos estando, também, aqui associado a parte do turismo sustentável pois em locais rurais pretende-se sempre preservar o património cultural, arquitetónico e ambiental da região.

Em relação às práticas turísticas, dependendo do local onde está inserido o turismo, estas são bastante importantes pois nos serviços de oferta que contenham deverão estar, também, inseridas as atividades rurais para os turistas passando a mencionar alguns como:

- Entretenimento
- Atividades em contexto rural
- Receção e visitação a propriedades rurais ou propriedades de relevância turística

Além destas aqui mencionadas outras atividades podem ser inseridas ás acima apresentadas desde que estas sejam em contexto rural e que sejam praticadas em função do turismo ou que se constituam no motivo da visitação.

Em Portugal o turismo rural foi criado em 1986 com a argumentalização do Decreto-Lei nº256/86 de 27 de agosto, sendo institucionalizado em três modalidades: atualmente, este, é designado como casas de campo, mas contém mais duas modalidades a este designado, casas particulares e casas de abrigo desde que sejam localizadas em zonas rurais é que, estas, podem ser caracterizadas como turismo rural prestando hospedagem com ou sem utilização para habitação própria.

6.2. Casos de estudo

6.2.1. The Vagar Country House / David Bilo + Filipe Pina

A casa de campo Vagar, projetada pelos arquitetos David Bilo e Filipe Pina, situa-se numa pequena vila da por Cova da Beira, mais especificamente, em Belmonte, Portugal. O grande e principal objetivo dos arquitetos era valorizar o património histórico, arquitetónico e paisagístico desta pequena região serrana do interior de Portugal, com uma finalidade de renovação do complexo para, assim, ser destinado a turismo. Para tal, este projeto dando valor aos bens naturais e património, foi criada uma Casa de Campo a qual transparece convivência, integração e sobreposição de memórias onde o passado não é esquecido nem descurado, mas sim aliado com um novo futuro. A casa de campo, que se pode observar na figura 26, era a antiga Casa da Chandeirinha com o objetivo de a recuperar para um complexo turístico, assim, para cumprirem o mesmo modificaram e alteraram alguns edifícios á volta da mesma para que todos estes interligados formassem um complexo turístico com a mesma linguagem e o mesmo conceito (Moreira, 2023).



Figura 26 - The Vagar Country House, Imagens dos interiores e exterior - Fonte: Estúdio Ivo Tavares

A nível interior, pode-se observar na planta da figura 27 e 28, o grande foco concentrou-se no conforto, bem-estar e boa organização funcional criando espaços independentes apenas de uso privado e, ao mesmo tempo conseguir com que estes se mantenham ligados com o meio envolvente que aqui estará sempre presente como pano de fundo deste complexo turístico. Em todo o edifício foram mantidas as paredes principais em alvenaria de granito, foram removidos rebocos que já apresentassem algum nível de degradação e, apenas foram feitas intervenções muito subtis de carácter mais contemporâneo como por exemplo a intervenção do betão, madeira termo tratada e zincagem natural. Por fim, neste espaço nasceu, assim, uma casa de campo cheia de história e com uma homenagem á natureza envolvente.



Figura 27 - The Vagar Country House, piso 0
Fonte: David Bilo e Filipe Pina

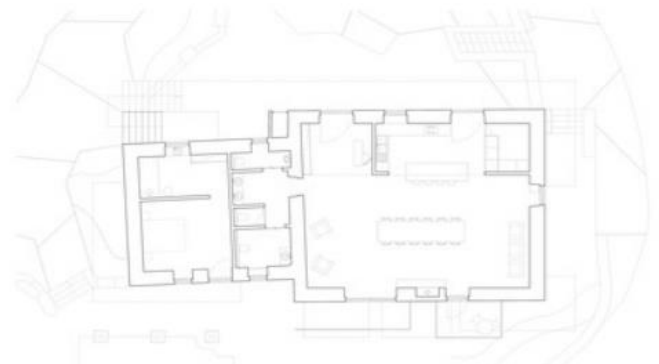


Figura 28 - The Vagar Country House, piso 1
Fonte: David Bilo e Filipe Pina

O motivo pelo qual eu escolhi este caso de estudo tem haver com o facto de neste terem conseguido projetar um espaço que ao mesmo tempo se interliga com o ambiente envolvente, mas também contém uma linguagem própria e moderna. Neste conseguiram aplicar pequenos detalhes de materiais que lembram o exterior que o rodeia, assim como, manter vários materiais que já existiriam preservando todo o seu valor, património e arquitetura do passado. A paleta de cores que aqui está abordada é uma paleta mais suave que transparece a leveza e a calma no espaço tal como no seu exterior e, conseguir passar isso para o interior do mesmo é importante e dá mais valor ao projeto em si. O caso de estudo é uma inspiração para o projeto a ser desenvolvido, precisamente por estes pequenos aspetos terem sido levados a fio, detalhe por detalhe construindo este espaço e são estes que o vão caracterizar e dar uma nova vida ao seu interior.

6.2.2. Bode Country House / PLATAFORMArq

Bode Country House situa-se na histórica vila de Monsanto, Portugal, esta está situada nas colinas da vila num local ao qual o caracterizam como uma ilha no céu, daí denominaram este projeto como um discreto retiro de luxo que exalou uma nova vida ao local. O objetivo dos arquitetos era encarnar o carácter e o espírito da região num só edifício e, para tal a propriedade original, “O Bode”, foi mantida fielmente ao que restava da mesma, paredes de pedra como antigamente eram construídas todas intactas como se o tempo não tivesse ali passado, portanto, esta casa de campo é a confluência do passado com o presente, do rural com o moderno (Moreira 2023).

A história deste edifício remonta a um conjunto de ruínas e estruturas antigas que tiveram a sua atividade á bastantes e distantes anos, assim como, algumas estruturas de madeira que foram encontradas já em decomposição. Atualmente, para concretizarem este projeto fizeram dessas ruínas uma restauração e uma ampliação do existente tornando este numa casa de campo respeitando todos os valores que ali permanecerão criando, assim, uma harmonia entre as construções originais e as modernas, como se pode observar na figura 29. É importante mencionar que neste projeto foi criada uma fusão, ou seja, foram projetados dois edifícios antigos com uma passagem de vidro entre os mesmos, com a qual pretendiam criar uma sinergia, uma espécie de fusão entre estruturas do passado com elementos do futuro moderno – o contemporâneo – resultando assim de uma pequena experiência para os hospedes que ali passam (Moreira 2023).

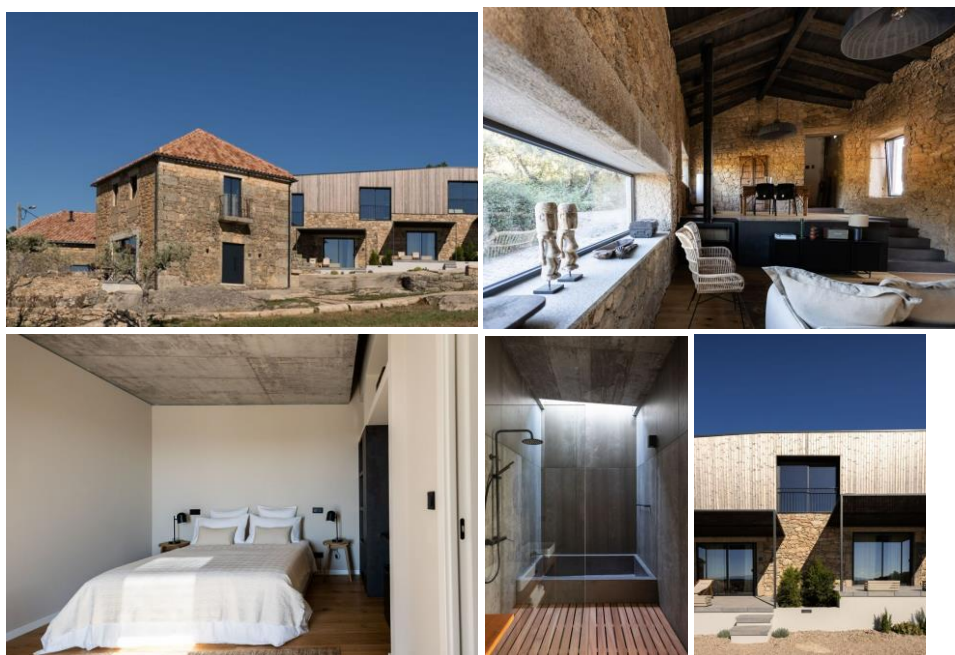


Figura 29 - Bode Country House, Imagens dos interiores e exterior
Fonte: João Saraiva

É importante mencionar que neste projeto foi criada uma fusão, ou seja, foram projetados dois edifícios antigos com uma passagem de vidro entre os mesmos, com a qual pretendiam criar uma sinergia, uma espécie de fusão entre estruturas do passado com elementos do futuro moderno – o contemporâneo – resultando assim de uma pequena experiência para os hóspedes que ali passam. No seu interior todos os espaços foram pensados para que haja bem-estar e conforto, sendo assim dividiram as zonas pelos pisos como se observa nas figuras 30 e 31, no piso térreo, situam-se as áreas sociais como a cozinha, sala de jantar e sala de estar estando estes unicamente ligados criando um clima propício ao convívio; projetaram quatro quartos bem equipados dispostos, também, no piso térreo, cada um com casas de banho privada; o piso superior foi dividido em dois volumes e contém mais seis quartos os quais proporcionam as vistas mais deslumbrantes (Moreira 2023).

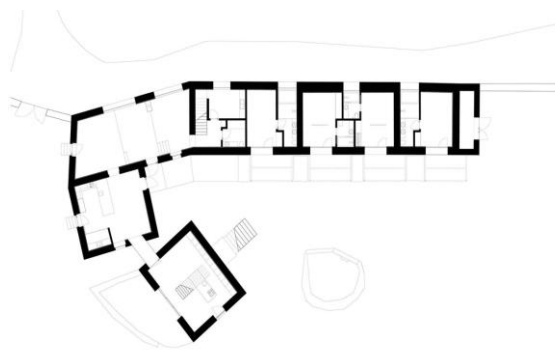


Figura 30 - Bode Country House, piso 0
Fonte: PLATAFORMArq

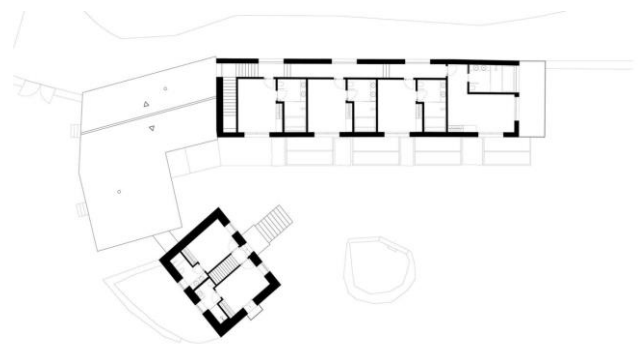


Figura 31 - Bode Country House, piso 1
Fonte: PLATAFORMArq

O caso de estudo abordado, Bode Country House, é uma das inspirações que pretendo analisar para o meu projeto a desenvolver. O que mais chamou atenção neste projeto é o facto dos arquitetos terem o objetivo de criar uma fusão entre o passado e o futuro, ou seja, criarem uma nova linguagem e atribuí-la ao espaço mantendo todo o património e valor que já existia no edifício. Este aspeto está bastante perceptível no projeto pois, conseguimos observar que essas características existentes foram mantidas e preservadas juntamente com a nova linguagem dada ao espaço – o contemporâneo. Este principal aspeto abordado no Bode Country House é o que mais me inspira para o projeto da Casa do Outeiro, pois, o objetivo é manter e preservar todas as suas características existentes conseguindo ao mesmo tempo atribuir uma nova linguagem ao espaço, algo mais moderno e confortável não desvalorizando as raízes do edifício que o caracterizam.

6.2.3. Vilã | Casas de Campo / Logoexisto por Paz de Costa | Arquitetura + Interiores

O projeto Vilã - Casas de campo localiza-se na cidade de Paredes, Portugal. Segundo Logoexisto Paz de Costa, todo o aglomerado de casas utilizadas para este projeto situa-se, mais exatamente, próximo da Capela da Quintã – edifício esse classificado e integrado na Rota do Românico – por tal caracterização estes impuseram uma maior exigência e responsabilidade de prudência e sensibilidade no desenvolvimento da proposta, pois teriam que respeitar todos os valores e o património aqui adquirido. Se analisarmos bem as imagens da figura 32, consegue-se perceber que o próprio edifício tem uma identidade única pois faz lembrar o passado e a ruralidade. O objetivo aqui seria reconstruir e ampliar os edifícios pré-existentes mantendo uma relação com o passado, mas ao mesmo tempo dando uma liberdade para criar algo novo ou seja, uma história entre o antigo e o moderno. Através da informação obtida, os principais focos dos arquitetos foi privilegiar os tons e os valores cromáticos da alvenaria de granito e da madeira, pois eram estes alguns dos elementos que caracterizavam os vários edifícios (Moreira, 2023).



Figura 32 - Vilã, Casas de Campo, Imagens dos interiores e exterior
Fonte: Maurício Teixeira

Portanto decidiram ampliar e construir algo novo nos edifícios já existentes, podendo ser observado nas plantas apresentadas nas figuras 33, 34 e 35 e, para tal, criaram novas formas com as quais conseguiram criar ligações morfológicas e funcionais, conseqüentemente, utilizaram sistemas estruturais de madeira laminada combinando esta com elementos metálicos, como revestimento exterior aplicaram nos novos volumes criados ripas de madeira tratada como forma de estabelecer uma ligação com as diversas construções rurais ali presentes (Moreira, 2023).



Figura 33 - Vilã, Casas de Campo piso 0 - Fonte: Logoexisto Paz de Costa

Figura 34 - Vilã, Casas de Campo, piso 1 - Fonte: Logoexisto Paz de Costa

Figura 35 - Vilã, Casas de Campo, piso 2 - Fonte: Logoexisto Paz de Costa

A nível do interior decidiram criar um programa que respondesse às necessidades funcionais pedidas e, para tal, criaram 17 unidades de alojamento, spa com piscina interior, piscina exterior e deck, restaurante temático, salões, winebar e outras zonas envolventes e atrativas. O design que implementaram nos seus espaços interiores tiveram base em estudos de uma diversa seleção de conceitos e artesanatos locais, assim como, certos elementos de vários monumentos integrados na Rota do Românico e, com certos detalhes dos mesmos conseguiram criar um tema e um design para os espaços. Em relação ao mobiliário:

(...)”O mobiliário e decoração consistiu numa curadoria de peças que evocavam a geometria, a materialidade e o sentimento do percurso românico e da capela – a circunferência e o arco, e esculturas artesanais em madeira desenvolvidas por um artesão local convidado na alma e no calor do aglomerado local(:.)” (Moreira, 2023).

Por fim, o restaurante e o bar foram desenvolvidos no interior da antiga adega e construídos em torno do antigo lagar e das paredes de granito, mas sempre preservando e respeitando as características arquitetónicas do espaço.

Vilã, Casas de campo, é um caso de estudo que inspira em todos os aspetos. Primeiramente, como já referido no caso de estudo anterior, este assemelha-se muito ao facto do objetivo dos arquitetos ter sido preservar e manter todo o património do edifício tanto exterior como interior, mas também juntamente com esse atribuir uma nova linguagem e uma nova vida ao espaço introduzindo o conceito do antigo com o novo, ou seja, o antigo com o contemporâneo. Por tal, o motivo da escolha deste caso de estudo é este conceito que é atribuído no espaço que, também, se pretende atribuir no espaço da Casa do Outeiro sendo importante mencionar que a paleta cromática utilizada neste projeto também é uma inspiração. No projeto a desenvolver pretende-se que a paleta cromática seja suave entre os tons brancos e beges de forma a dar mais vida ao espaço, porque este remete um ambiente muito pesado, fechado e frio devido ao forte uso de madeira em quase todos os elementos da habitação.

6.3. Legislação aplicável

Os projetos que são desenvolvidos, sejam eles começados de raiz ou reabilitados, todos são obrigados a seguir uma legislação dependendo a que se destina cada projeto. O projeto aqui apresentado, reabilitação da Casa do Outeiro, tem como objetivo ser reabilitado para fins de turismo rural, ou seja, com base em diversas pesquisas sobre turismo rural pretende-se que, neste, seja feito um projeto de uma casa de campo para turismo rural. A legislação da Portaria n.º 937/2008, de 20 de agosto, afirma:

“Noção de casa de campo São casas de campo os imóveis situados em aldeias e espaços rurais que prestem serviços de alojamento a turistas e se integrem, pela sua traça, materiais de construção e demais características, na arquitectura típica local.”.

Assim, com base neste artigo, foi destinado este projeto a uma casa de campo, pois o meio onde se insere é uma pequena aldeia num meio rural sendo esta uma habitação com 615 m² de terreno e, com tal área vai ser realizado um projeto para turismo rural.

Portanto, as legislações que serão aplicadas neste projeto serão:

- **Decreto-Lei n.º 220/2008, de 12 de novembro**, este decreto-lei será aplicado no âmbito da segurança contra incêndios em edifícios visto que, são necessárias saídas de emergência em caso de incêndio, esta legislação será aplicada no âmbito da criação de, pelo menos, três saídas de emergência na habitação em questão, pois nesta não existia qualquer saída de emergência.
- **Portaria n.º 937/2008, de 20 de agosto**, o decreto-lei apresentado será aplicado no âmbito do objetivo e destino deste projeto que, será, casa de campo, também, com a aplicação da mesma num espaço rural seguidamente do conhecimento de empreendimentos em espaço rural, pois este projeto será

um empreendimento num meio rural; para tal, é necessário ter informação do necessário e obrigatório a conter num edifício destes, sobre infraestruturas e equipamentos que deve dispor e, sobre as zonas comuns obrigatórias no espaço, assim como, as instalações sanitárias e cozinhas; por fim, em questões de limpezas dos espaços e arrumação.

- **Decreto Lei nº 163/2006, de 8 de Agosto**, o decreto-lei seguido será aplicado no que toca aos acessos a edifícios e espaços públicos por pessoas com mobilidade reduzida ou condicionada, por tal, criou-se um elevador para facilitar o acesso para mobilidade reduzida assim como, um quarto apropriado para os mesmos de forma a conseguirem ter as mesmas condições e acessos na habitação.
- **Decreto Lei n.º 38382/51, de 7 de Agosto, Regulamento Geral das Edificações Urbanas (REGEU).**

6.4. Estruturas envidraçadas

No projeto, Casa do Outeiro, em Gémeos, Celorico de Basto, já como mencionado antes, esta é uma habitação de carácter nobre o que realça o poder que os proprietários teriam na época, mas tendo em conta o seu valor e o seu carácter será adicionado uma pequena estrutura metálica que fará o contraste entre o antigo e o moderno contemporâneo. Esta será colocada numa parte exterior do edifício numa área externa do mesmo que será interligada com a varanda do piso 1 contendo, também, grandes envidraçados a qual apenas será vista pelos turistas e pessoas que ali entrem. Mais especificamente, será uma estrutura metálica em vidro que fará uma proteção das chuvas e tempestades, entre outros fins atmosféricos para que, as pessoas, possam circular entre pisos sem qualquer preocupação. Para tal, foi necessário serem realizadas algumas pesquisas para ter como base algumas ideias e casos de estudo sobre as estruturas passando, assim, a analisar algumas destas.

As fachadas são o elemento arquitetónico que mais chama atenção de qualquer ser humano, ou seja, as fachadas são caracterizadas como o maior elemento distintivo dos edifícios, são estas que dão valor e relevância a qualquer edifício no mundo. A fachada para além de ser um elemento fundamental e contribuidor para uma fácil leitura do carácter do edifício permite, também, caracterizar o mesmo em relação ao seu enobrecimento podendo transmitir a sua ostentação, poder e riqueza ou, então, apenas uma valorização estética meramente ornamental (Rui de Sousa Camposinhos, 2017).

No caso do projeto que está aqui a ser desenvolvido, Casa do Outeiro, a sua fachada permite perceber que esta habitação nos seus tempos passados e, logicamente, também, atualmente é uma fachada caracterizante de uma classe nobre

do século XVIII daí a sua grande importância e valor que é visto nos elementos diferenciadores que contém na mesma, os quais podem ser observados no ponto “2.2 Existente” presente no relatório.

Hoje em dia as fachadas envidraçadas são muito utilizadas por arquitetos e, principalmente sendo mais comum em obras de carácter empresarial, é importante mencionar que foram os arquitetos do “Movimento Moderno” que conseguiram atingir a expressão máxima deste tipo de fachadas tendo tido como bases os antepassados que revolucionaram o mundo da arquitetura:

“(…)alcançou com os arquitectos do Movimento Moderno a sua expressão máxima, através da adopção da fachada livre, com vãos de dimensão significativa e predominantemente horizontais. As fachadas envidraçadas, por seu lado, tendo como antepassados as simples estufas ou, num registo mais erudito, construções tão representativas como o Crystal Palace de Joseph Paxton, erigido para albergar a Grande Exposição de Londres de 1851, constituíram uma evolução natural das fachadas, (...)”. (Rui Fernandes Póvoas in Camposinhos, 2017, pag.xviii)

A partir destas começaram, então, a surgir as estruturas metálicas envidraçadas devido, também, ao surgimento dos novos materiais estruturais: o aço e o betão que, permitiram uma maior liberdade das construções.

6.4.1. Casa de Vidro | Ângela Roldão Arquitetura

O caso de estudo presente, figura 36, Casa de Vidro, próxima de Belo Horizonte, Brasil, foi projetada no meio da Natureza sendo este um projeto que viabilizou e poupou ao máximo a destruição de árvores e da restante Natureza para, assim, a preservar. O conceito de Casa de Vidro está bastante presente devido, simplesmente, ao facto de o cliente ter uma paixão imensa pela Natureza, logo a casa foi projetada nesse mesmo sentido como se vivesse dentro da mesma. É uma casa com uma construção rápida e simples, esta foi construída com uma estrutura metálica, esquadrias de alumínio, vidros, fechamentos em concreto, piso de tecnocimento e porcelanato e, todos estes pequenos e simples elementos definem o espaço conseguindo captar, ao mesmo tempo, a paisagem. Foi escolhida esta casa como um exemplo de estruturas metálicas, pois no meu ponto de vista está projetada uma casa belíssima e, o mais surpreendente é esta ser toda em estrutura metálica com vidro, sendo ao mesmo tempo perfeitamente segura estando protegida dos fins atmosféricos. É considerada um bom exemplo de uma estrutura metálica com vidro

que consegue remeter uma bela estética a um espaço sendo construída de uma forma simples (Pereira, 2020).



Figura 36 - Casa de Vidro, Ângela Roldão Arquitetura - Fonte: Jomar Bragança

Falando da parte do processo construtivo deste tipo de estruturas, normalmente, o tipo de material utilizado nestas são o aço ou o betão e o vidro, sendo importante mencionar que este tipo está a ser cada vez mais utilizado e não só em edifícios de carácter empresarial, mas também em edifícios de habitação exatamente pelo motivo deste ter um processo construtivo fácil e rápido e, também, por ser esteticamente belo e eficiente.

Numa primeira fase, para começar a construção destas estruturas é preciso ter em consideração as medidas de segurança padrão a serem seguidas, seguidamente, é necessário fixar as estruturas de suporte para haver uma preparação do local, limpando a área a ser interferida, e verificando as estruturas para poder ser fixado o vidro, depois de fixado o vidro passa-se, então, para a selagem e acabamento sendo selados com silicone ou outro material idêntico para garantir uma boa segurança, impermeabilização e estética. Por fim, são realizados alguns testes e inspeções para se poder perceber que, realmente, estão bem instaladas e seguras as estruturas construídas para o seu desempenho.

6.5. Adegas tradicionais

O presente projeto localiza-se em Gémeos, Celorico de Basto, mais especificamente, no Norte de Portugal no distrito do Minho e, para tal, visto que a casa a ser intervinda contém desde o século XVIII uma adega e, também, um lagar de vinho está proposto realizar-se um pequeno roteiro turístico das mesmas. Os antigos proprietários desta casa, no século XVIII, já tinham terras pertencentes a esta habitação onde haviam vinhas e, provavelmente, a produção de algum vinho tendo, com certeza, caseiros que trabalhavam para estas pessoas pois existem casas de antigos caseiros que pertencem á habitação. A região do Minho é uma das regiões que

também tem uma grande produção de vinhos sendo caracterizada como a região dos vinhos verdes, então, por tal achou-se por bem manter esta adega e lagar no projeto como dois espaços que possam ser visitados, tanto por turistas como por pessoas que ali queiram visitar e entender melhor um pouco de como era a sua produção. Irá conter um pequeno roteiro turístico, para verem alguns dos antigos utensílios que não mais se utilizam nos dias de hoje e, uma prova de vinhos da tão conhecida região do Minho.

Contextualizando um pouco melhor esta região e estes vinhos, atualmente os vinhos desta região estão em expansão e as suas exportações têm aumentando significativamente pois, antigamente, estes não eram tão valorizados como nos dias de hoje embora tivessem sido os primeiros vinhos portugueses conhecidos no mercado de exportação, atualmente, existe uma grande ocupação da plantação e produção deste vinho (Francisco, 2016).

“(...) Atualmente, a região dos Vinhos Verdes ocupa, em termos de espaço de plantação, uma área geográfica de 34 000 ha de terreno, o que corresponde a uns muito significativos 15 % da área vitícola nacional. (...)” (Francisco, 2016).

Abordando e dando a conhecer melhor os vinhos desta região, as principais castas brancas cultivadas na região e, também, talvez, as mais vendidas no que toca ao Vinho Verde branco são o Alvarinho, o Arinto, o Avesso, o Azal, o Loureiro e a Trajadura (Francisco, 2016).

No projeto a desenvolver, já como mencionado, pretende-se realizar um pequeno roteiro turístico entre a adega e o lagar desta habitação juntamente com uma pequena prova de vinhos da região do Minho, pois não existe qualquer tipo de informação se nesta, antigamente, fabricavam algum vinho específico. Será um pequeno roteiro, mais especificamente, enoturismo, sendo importante mencionar que, nesta, não será um roteiro meramente grande como os vários roteiros de turismo de vinho que existem pelo país, será apenas uma pequena visita para dar a conhecer os antigos utensílios e método de produção do vinho na antiga habitação.

Para tal, foram necessárias várias pesquisas de várias adegas e caves que realizam o enoturismo, assim como, experiências e degustações para entender um pouco melhor como poderá ser organizado este roteiro e, conseqüentemente, as duas salas de visitação. Algumas das pesquisas que foram realizadas sobre adegas da região do Minho não obtiveram qualquer tipo de imagem que pudesse ser colocada como caso de estudo, então, para tal, optei por pesquisar sobre as adegas e caves do vinho do Porto que é, também, uma das regiões mais turísticas no que toca á vinicultura e ao enoturismo. Em seguida, estão apresentadas algumas imagens de diversas adegas e

caves do Douro servindo como fontes de inspiração e de casos de estudo para o projeto que será desenvolvido.

As caves e adegas de vinho apresentadas, sendo estas caves da região do Douro, são as seguintes: Caves Taylor's, figura 37, Adega da Quinta da Aveleda, figura 38, Adega de Poças, figura 39, Caves Sandman, figura 40, Caves Porto Ferreira, figura 41 e, Caves Cockburn's, figura 42.



Figura 37 - Caves Taylor's,
Fonte: Adrian Bridge - CEO



Figura 38 - Adega Quinta da Aveleda,
Fonte: Alexandra Costa



Figura 39 - Adega de Poças,
Fonte: Manoel D. Poças Junior



Figura 40 - Caves Sandeman,
Fonte: WINTP



Figura 41 - Caves Porto Ferreira,
Fonte: Sogrape



Figura 42 - Caves Cockburn's,
Fonte: Symington Family Estates Vinhos SA

Analisando estas imagens, consegue-se perceber que todas são muito parecidas em questão de organização e apresentação, em todas contém as famosas pipas de vinho onde antigamente se armazenava o mesmo, na qual, depois se bebia diretamente da pipa; outro aspeto bastante importante a ser mencionado é o tipo de tetos destes espaços, pois são tetos característicos das antigas adegas - tetos em vigas de madeira - todos estes elementos desde os tetos às pipas e, até mesmo, na forma como a iluminação está trabalhada, conseguem transmitir o tipo de ambiente antigo e rural que se vivia nas adegas sendo que, este género de ambiente pode ser conseguido através da forma como a iluminação é trabalhada e, pelo uso das pipas que são o elemento fundamental. Os espaços conseguem transmitir um pouco do grande ambiente da época o que, no meu ponto de vista, é um dos objetivos que também se pretende transmitir neste tipo de espaços embora, não se consiga transmitir a 100% do que se vivia na época.

Abordando melhor o processo antigo da produção de vinho nos seus tempos passados, primeiramente, é importante mencionar que é com base em algumas histórias da população da região Celorico de Basto e, também, de familiares. O ambiente rural que se vivia nas adegas não se baseava só no processo de produção do vinho, mas também no ambiente familiar e de amizade que as pessoas viviam, pois, as vindimas eram uma das épocas do ano em que toda a gente se juntava não só para fazer o vinho, mas também pelo convívio e festas que se criavam podendo, até, designar-se como uma tradição. Quem pertenceu a esses tempos e os viveu sentiu verdadeiramente o sentimento da chegada das épocas das vindimas, como se pode observar pela figura 43, sendo este um belo exemplo de como era na época



Figura 43 - Vindima, tradicional método de pisar as uvas, Fonte: Engenheiro Agrónomo Jorge M. Cabral Manuel
Figura 44 - Vindima, carro de bóis Fonte: Manuel de Oliveira Silvestre
Figura 45 - Vindima, beber vinho das pipas, Fonte: Osvaldo Meira Trigueiro

Antigamente, o vinho era produzido de uma forma diferente do que hoje em dia se vê, pois, atualmente, o vinho é cada vez mais produzido de uma forma industrial com maquinarias avançadas e especializadas. O processo antigo não difere muito do atual apenas foram deixadas as tradições e a forma de produção tradicional, pois, o tradicional era as pessoas juntarem-se amigos e familiares todos juntos iam para os campos para fazer a vindima, a dita colheita da uva. Colocavam as uvas em grandes baldes onde, seguidamente, colocavam no tradicional carro de bois, depois de feita a colheita seguiam para a adega onde descarregavam os baldes de uvas no lagar de vinho e realizavam o desengace, de seguida, faziam o conhecido método de pisar as uvas enquanto cantavam. Por fim, o vinho era retirado para as pipas deixando fermentar por uns dias e quando passasse o processo de fermentação do vinho era colocado em garrafas. No final, muitas vezes, o vinho era dado às pessoas que foram ajudar no dia da vindima ou, então, apenas para consumo pessoal chegando a beberem diretamente da pipa sendo uma coisa comum de se fazer e, atualmente, ainda se vê quem o faça e mantenha a tradição de beber diretamente da mesma.

7. Conceito

O projeto abordado, trata-se de uma habitação que contém bastantes elementos que são característicos das antigas habitações do século XVIII e, para tal, tratando-se de uma reabilitação e, também, pelo facto desta ser uma bela conservação devem ser mantidos e preservados todos os seus elementos componentes. Sendo assim, o conceito que aqui será pensado é representar o estilo rústico inserindo elementos novos, ou seja, junto com o estilo contemporâneo não removendo o que de existente contém.

No moodboard de conceito podemos observar que, primeiramente, a paleta de cores é uma das componentes que melhor define o espaço e, conseqüentemente, a paleta, que pode ser observada aborda uns tons neutros entre os castanhos e os beges pelo facto de ser um ambiente mais rústico com muita madeira e pedra. Terá os tons verdes escuros pois esta é uma zona de muitos verdes e de natureza, logo, será uma boa ligação de elementos e cores, sendo esta uma paleta que tem como objetivo harmonizar os espaços e transmitir o conforto e o bem-estar nos ambientes. Para complementar o conceito, a habitação já contendo várias lajes em vigas de madeira, esta será uma das aplicações que se vai manter e colocar em outros espaços que seja possível para, assim, haver ligação e harmonia entre espaços. Por fim, a colocação do relógio e das chaves remetem para a ideia de antigo pelo motivo da habitação ser do século XVIII numa época onde tudo era mais clássico e nobre.

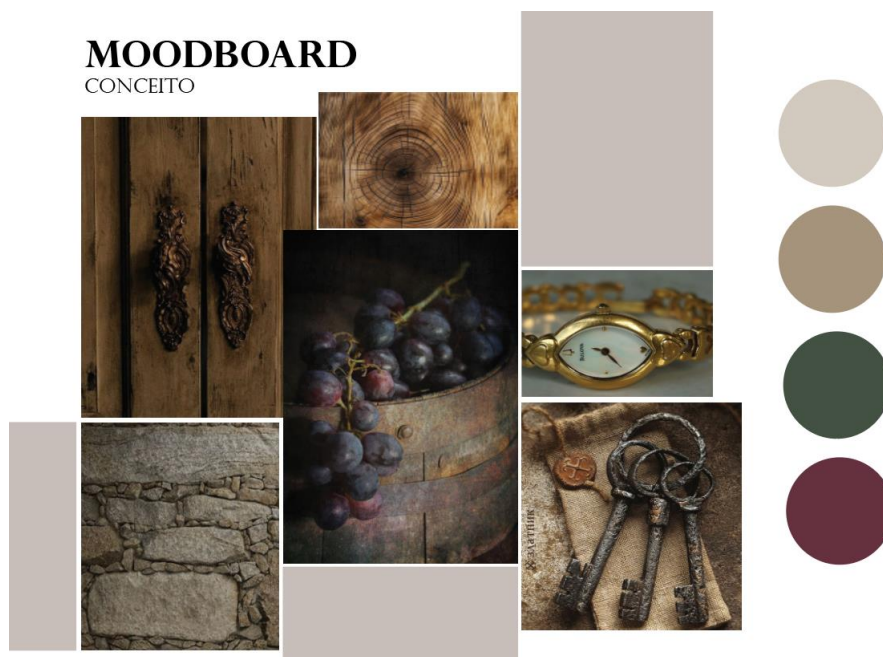


Figura 46 - Moodboard de conceito, Fonte: Autor

Após a análise do moodboard de conceito que será abordado e aplicado na edificação passemos, então, para o moodboard do espaço que se pretende transmitir. O conceito de rústico, antigo e delicado continua presente, pois são características que se vão e devem manter pelo motivo de ser um espaço com características muito específicas da época tendo que se preservar esta relíquia. Continuando a análise, a paleta de cores também será mantida apenas se aplicará uma paleta mais suave entre os bejes e os brancos e também, aplicadas cortinas dos mesmos tons, pois a habitação em si é muito escura pelo facto de utilizar muita madeira pura nos tetos, chão, paredes e, até, mobiliário o que cria um ambiente muito pesado e fechado e, o objetivo é conseguir criar um ambiente mais leve, harmonioso e confortável através da paleta cromática mantendo sempre as características já enraizadas na mesma. O uso da pedra e da madeira será mantido de forma a criar uma harmonia entre as cores e os materiais para evitar que o ambiente fique pesado, também, serão mantidas e aplicadas as vigas de madeira, pois já são elementos presentes na habitação, mais especificamente, nos tetos, estas serão aplicadas em tetos e serão utilizadas de formas diferentes. Por fim, estão representados alguns elementos contemporâneos para, precisamente, fazer um contraste com o antigo como se desse uma nova linguagem ao espaço, mas sempre mantendo as suas raízes daí, a presença de uma poltrona moderna e de um lustre para dar a ideia do contraste que se pretende transmitir - o antigo e rústico com o contemporâneo e moderno.



Figura 47 - Moodboard estético, Fonte: Autor

7.1. Público-alvo

O público-alvo que é pretendido atingir com o projeto proposto é um público mais relacionado para famílias e não só, pois este espaço será mais direcionado para algo que transmita a sensação de lar ao mesmo tempo que irá conter estética, sofisticação e funcionalidade.

7.2. Identificação das condicionantes

As habitações antigas com alguns anos e até séculos de história, tal como a Casa do Outeiro, são o género de habitações que mais podem ter condicionantes e para as quais tem que se arranjar soluções, pois, estas por serem antigas e estarem bastante tempo fechadas sem qualquer tipo de uso vão-se desgastando aos poucos, seja com fins atmosféricos ou, até mesmo, por pessoas que por vezes passam e olham, entram e estragam como se vê por aí em algumas habitações abandonadas. A Casa do Outeiro, além de estar muito bem conservada, não deixa de ter algumas condicionantes para as quais tem que se arranjar soluções.

Começando por analisar as condicionantes, a humidade é uma das condicionantes mais presente que tem que ser resolvida e, como todos sabem, a humidade pode causar problemas de saúde e até mesmo problemas dentro da própria habitação. A humidade pode causar consequências e, umas das principais é o bolor e o mofo que podem aparecer no interior da habitação, no mobiliário e em materiais orgânicos como em papel, tecidos, madeiras, entre outros. O bolor é uma condicionante que se designa como um aglomerado de fungos tendo vários tipos, sendo estes perigosos também para a saúde humana. Em questão do mofo, este, pode aparecer como manchas podendo estas ter diferentes cores começando, ao fim de um tempo, a ganhar cheiro ao mofo, como exemplo destas manchas pode-se observar a figura 47, que é uma das condicionantes mais presentes na habitação a ser projetada.

Outras condicionantes presentes no edifício é o facto desta conter portas que estão um pouco desgastadas e o pavimento exterior permanece todo em terra, podendo ser observado na figura 48. A laje da parte exterior do piso 0, referindo a laje da varanda do piso 1, apenas está com tijolos não tendo qualquer tipo de acabamento e revestimento, figura 49. Referente ao piso 1, está em causa uma condicionante sendo esta o facto de o acesso ao piso 1 pelas escadas ser numa área aberta ao exterior, ou seja, não tendo qualquer tipo de proteção o que pode ser uma má gestão da área para os clientes que ali pernoitem.

A varanda do piso 1 não contém nenhuma proteção, podendo ser estas condicionantes observadas na figura 64; por último, contendo esta habitação dois pisos é uma problemática para as pessoas de mobilidade reduzida, pois não existe um elevador de acesso entre os dois pisos e, sendo esta para turismo rural, tem que estar

preparada e habilitada para todos tendo, obrigatoriamente, que ter um elevador para a ligação e circulação entre pisos.

A habitação a ser intervinda, como já observado, contém algumas condicionantes que limitam no processo e criatividade do projeto, pois, para além das já referidas, esta contém dois grandes salões com dois tetos trabalhados em forma oval o que limita o número de espaços que se possam criar neste, pois, são duas zonas que não se podem demolir nem construir devido aos tetos existentes que são uma belíssima arquitetura dos tempos antigos tendo, assim, que ser preservados.



Figura 48 - Exemplo de humidade, Fonte: Autor



Figura 49 - Pavimento exterior em terra, Fonte: Autor

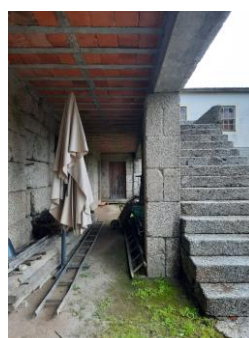


Figura 50 - Laje em tijolo no piso 0, Fonte: Autor



Figura 51 - Varanda do piso 1 sem proteção, Fonte: Autor

7.3. Solução das condicionantes

As condicionantes mencionadas têm que ser solucionadas, então, para tal, em relação aos pequenos detalhes, como o facto da inexistência de elevador, a sua solução é a colocação de um elevador ao lado das escadas para, assim, fazer o acesso entre pisos e possibilitar o acesso a pessoas de mobilidade reduzida.

Em relação às áreas estarem expostas sem nenhuma proteção foi proposta, a colocação de uma estrutura envidraçada que consiga responder a esta condicionante de forma a proteger não só a parte exterior, mas também de forma a proteger as pessoas dos ventos e chuvas facilitando uma melhor fluidez na circulação entre pisos.

Para além destas, o pavimento exterior terá que ser trabalhado e o material que levará será a pedra. Por fim, a laje da varanda no piso 0 será trabalhada com vigas de madeira tal como nos outros espaços, os quais, os tetos são todos construídos da mesma forma.

Uma das principais condicionantes que, talvez, será a mais dificultada é a limitação de espaço que pode ser criado na habitação logo, foi bastante desafiante achar um resultado final de proposta para o espaço, pois é uma casa de grande dimensão com espaços limitados e características próprias que têm que ser mantidas.

8. Desenvolvimento da proposta

O projeto proposto, como já mencionado, pretende utilizar a habitação mantendo ao máximo todos os seus valores e características próprias existentes da mesma. A proposta feita para este edifício tem como objetivo propor espaços que sejam funcionais, confortáveis e adequados para todos. Este é composto por dois pisos que foram definidos como duas zonas diferentes, o piso 0 com zonas que serão mais sociais onde residentes e não residentes podem estar e circular e, o piso 1 como zona privada apenas para as pessoas que ali pernoitem.

Explicando melhor, no piso 0 está situado o espaço de receção, arrumos da área exterior/casa das máquinas, instalações sanitárias – mobilidade reduzida, masculina e feminina - sala de refeições, copa, zona de funcionários, arrumos de roupa suja e limpa e, por fim a zona da adega e do lagar de vinho. É importante mencionar que foi proposto um pequeno roteiro turístico na zona da adega e do lagar de vinho onde é permitido dar a conhecer as atividades da produção do mesmo realizadas antigamente, assim como, dar a conhecer um pouco dos vinhos verdes da zona do Minho permitindo que pessoas não residentes no alojamento possam usufruir do mesmo.

No piso 1 estão projetados 6 quartos, quatro suítes de casal, um quarto familiar com mezanine e um quarto de mobilidade reduzida, permitindo, assim, alojamento para 14 pessoas. Estão propostas duas salas nos antigos salões do edifício, nos quais, são propostas uma sala de convívio e uma sala de jogo de bilhar. É importante mencionar que, o quarto de mobilidade reduzida foi criado de maneira a adequar-se a pessoas condicionadas, mas também para pessoas que não sejam estando apropriado para ambas as situações.

Por último a nível exterior é relevante referir que apenas houve a necessidade de fazer uma intervenção a qual se identifica por uma estrutura metálica envidraçada na área exterior, tendo como objetivo proteger e permitir a circulação das pessoas nos pisos.

8.1. Organograma/Definição de zonas e espaços

A realização da organização espacial teve como base a realização de um organograma para cada piso separadamente. O organograma criado para todo o espaço do piso 0, começa pela entrada onde logo teremos a receção, seguidamente, apresenta-se uma grande estrutura metálica servindo de proteção que logo dará acesso ao corredor que direcionará as pessoas para a instalação sanitária de mobilidade reduzida, instalação sanitária masculina, instalação sanitária feminina e sala de refeições o mesmo, também, permite o acesso á adega e ao lagar de vinho, assim como, ao túnel que apenas terão acesso os funcionários, pois é onde se situam a

zona de funcionários, copa, arrumos de roupa suja e limpa e, onde será a entrada e saída de mercadoria.

Piso 0

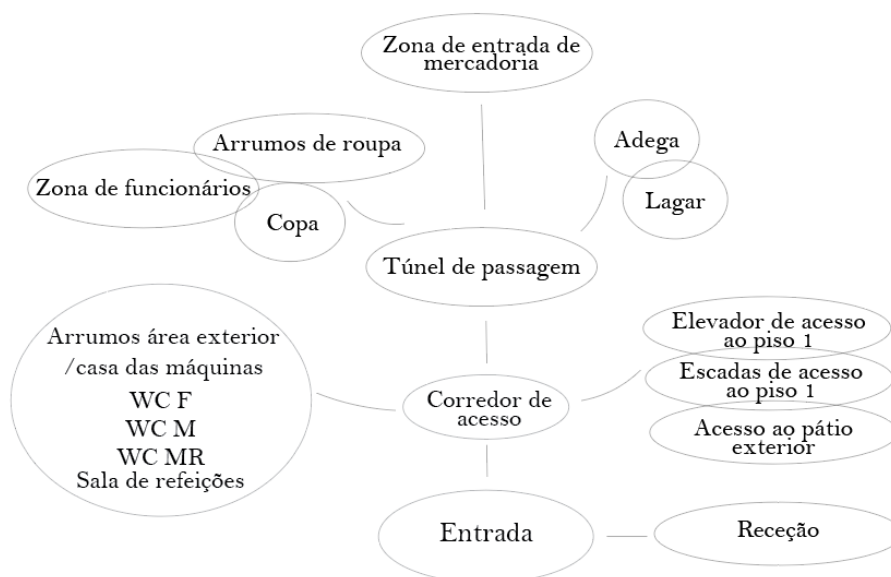


Figura 52 - Organograma do piso 0, Fonte: Autor

No piso 1 o acesso a este será realizado através das escadas ou do elevador, assim que se sobe teremos logo de seguida um corredor de acesso que também funcionará como varanda que dá acesso aos primeiros quartos, entrada para o quarto 1, para o quarto 2 e para o quarto familiar todos estes funcionando como suítes. De seguida situa-se uma porta de acesso para o interior da habitação que dará acesso ao quarto 5, ao quarto 6 e ao quarto de mobilidade reduzida, por último, dará acesso a uma instalação sanitária colocada com o propósito das pessoas não terem que se deslocar aos próprios quartos, e dará acesso á sala de convívio e á sala de jogo. Foram vários os estudos sobre a organização espacial do piso 1, pois é um espaço grande que contém várias limitações ás quais tivemos que nos moldar para conseguir desenvolver uma boa organização do espaço.

Piso 1

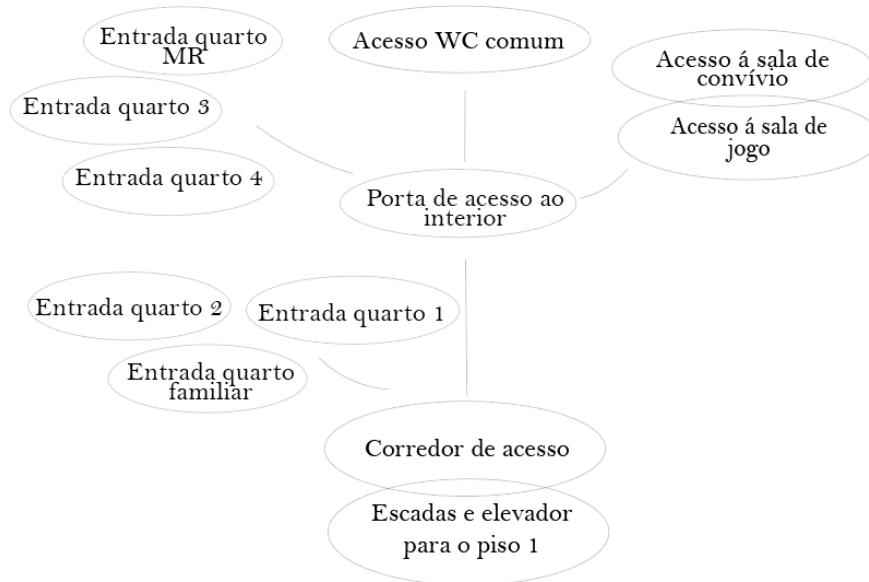


Figura 53 - Organograma do piso 1, Fonte: Autor

8.2. Propostas iniciais

Seguidamente da realização do organograma dos pisos, para entender toda a organização espacial necessária, foram, então, projetadas algumas propostas na planta que, conseqüentemente, foram mudando ao longo do percurso até chegar a uma boa proposta final da mesma. Todos os espaços necessários foram organizados e colocados onde melhor se desempenhariam, embora alguns tenham sido melhor pensados. Abordando de forma geral e explicativa inicialmente ficou definido que os dois pisos seriam divididos. O piso 0 apenas ficaria com função de ser um piso social onde pessoas residentes e não residentes possam circular pois, propôs-se projetar um pequeno roteiro turístico na zona da adega e do lagar de vinho que o permitisse. O piso 1 será a zona privativa onde apenas têm acesso as pessoas que ali pernoitem.

Primeiramente, foi identificada uma condicionante na área exterior pois, esta é totalmente aberta assim como, as zonas de circulação do piso 0 e do piso 1 prejudicando e desprotegendo as pessoas de chuvas e ventos. Por tal motivo solucionou-se a criação de uma estrutura metálica envidraçada que, no início dos estudos teria uma diferente colocação da atual proposta. Com a planta da figura 53 pode-se observar que a estrutura estava projetada da forma onde seria feita a entrada para o edifício prolongando-se apenas até á zona das escadas, ficando todo o restante espaço livre. Esta ideia inicial não resultou pois, para além da estrutura não se

prolongar até ao final do corredor, continuando a deixar a zona desprotegida, também, não funcionou pelo motivo da parte da receção proposta não ser funcional.

Consegue-se perceber que a entrada proposta para o edifício inicialmente seria feita a partir da fachada principal, através da porta que dá acesso para o túnel de passagem. A receção e a zona de copa estavam propostas no mesmo espaço tendo apenas uma parede e uma porta de separação entre as mesmas. Conforme foi analisada percebeu-se que nesse mesmo sítio existiria entrada e saída de funcionários, assim como, entrada e saída de comida e, não seria prático nem adequado haver esse tipo de circulação na zona de receção pois, a entrada e saída de mercadoria ou de funcionários tem que ser separada da mesma zona de entrada de clientes. Em relação á zona da sala de refeições, nesta foi proposta apenas o serviço de pequeno almoço com serviço de buffet, para o qual existiria uma copa que faria apoio ao mesmo logo, existiria passagem de um espaço para o outro, tal como se observa na figura 53.

As instalações sanitárias e a sala de refeições foram mantidas, desde o início, no espaço onde se encontram, pois, era o espaço mais adequado para as mesmas visto que, no edifício não é possível partir e destruir as paredes existentes em pedra.

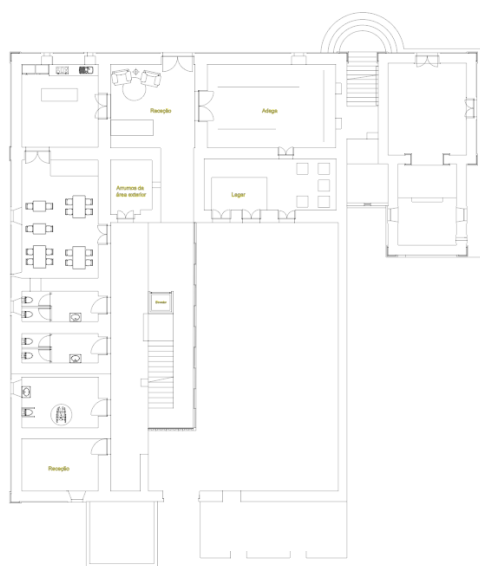


Figura 54 - Estudo 1 da proposta do piso 0, Fonte: Autor

Como já referido anteriormente, no início dos estudos da proposta foi solucionada a criação de uma estrutura metálica envidraçada na área exterior para resguardar e proteger as pessoas permitindo uma livre circulação nos pisos. Através da análise da planta de estudo do piso 0 representada na figura 55, consegue-se perceber que a proposta continuou a ser trabalhada devido aos espaços não estarem bem solucionados tais como a receção, a copa e a zona de funcionários, assim como, a estrutura. A solução criada a nível exterior foi o prolongamento da estrutura criando proteção em toda a zona de circulação do piso 0 e do piso 1, assim como, foi prolongada a mesma até á zona do lagar de vinho e da adega pois, será um espaço que também terá circulação. A estrutura criará um fácil acesso entre os dois pisos que é feito através das escadas tendo sido proposto adicionar um elevador de acesso com o objetivo de permitir o acesso a pessoas de mobilidade reduzida.

Devido ao estudo anterior não ter resultado, em relação á colocação dos espaços já referidos, na seguinte proposta foi trocada a zona de receção e a conseqüente entrada para o edifício. Explicando melhor, a entrada para o mesmo foi trocada para a parte posterior do edifício pelo motivo de se propor o estacionamento no mesmo local, assim como, a receção, que foi proposta na zona do corredor do piso 0. Visto que a entrada para o mesmo foi mudada houve a necessidade de colocar uma porta pois, esta era uma zona aberta apenas de passagem, então, foram proposta portas de abertura automática. Esta ideia também não resultou pois, não existiria uma camara de ar que fizesse a transição entre os dois ambientes logo, esta ideia acabou por ser solucionada através da prolongação da estrutura até á parte exterior de entrada do edifício.

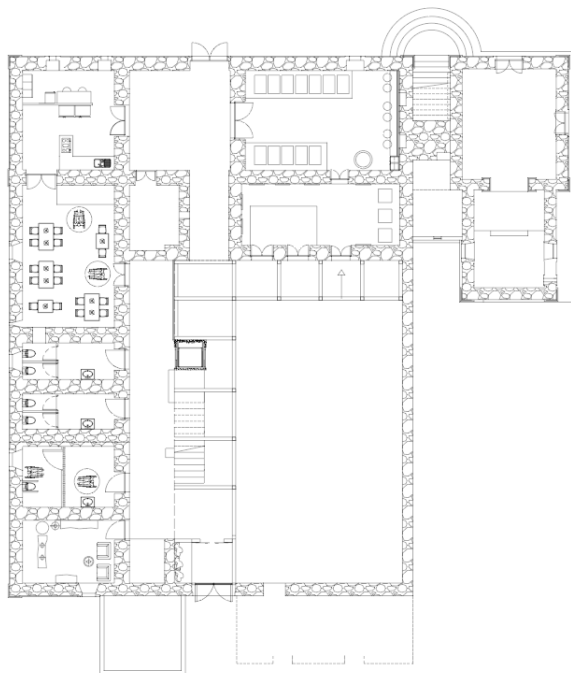


Figura 55 - Estudo 2 da proposta do piso 0, Fonte: Autor

Entrando no edifício a receção está projetada no corredor do piso 0 de forma a ter um melhor acesso á mesma, mas esta proposta também não resultou, pois, a receção ficaria um pouco isolada e não muito visível para quem entrasse o que não facilitaria o seu acesso. Ao lado da mesma foi proposto na parte do corredor um pequeno espaço que serviria para arrumação da área exterior, embora não fosse prático devido á sua pequena área.

Seguindo pelo corredor existente do piso 0, encontram-se as instalações sanitárias – mobilidade reduzida, masculina e feminina - situadas no local mais adequado ás mesmas pelo motivo já referido, devido á impossibilidade de destruir as paredes existentes em pedra. De seguida a sala de refeições mantém-se, apenas a zona de copa é trabalhada pois, anteriormente a mesma não resultaria devido á área onde estava a ser proposta, porque sendo uma copa apenas de apoio não necessitará de grande dimensão, então, nesta foi proposta a zona de funcionários devido á inexistência de uma zona adequada para os mesmos. A proposta feita foi colocar uma zona de cacifos e de refeição criando uma parede na parte de trás da copa. A ideia não resultou, pois, os funcionários necessitam de ter as condições mínimas no espaço de trabalho e, a forma como este estava a ser projetado não cumpriria essas necessidades. Ao lado deste espaço está situada uma zona de arrumos para a roupa suja e limpa tendo sido esta colocada numa parte mais isolada de forma a criar uma zona apenas para entrada e saída de mercadoria separada da zona de entrada dos clientes e da zona de circulação das pessoas, contendo assim um espaço próprio e privado, sendo o seu acesso feito através do túnel de passagem existente.

Por último, é importante referenciar que pelo corredor criado pela estrutura haverá acesso á parte onde está proposto realizar um pequeno roteiro turístico – na adega e no lagar de vinho.

Passando para o piso 1 foram realizados, também, alguns estudos de propostas. O seu acesso é realizado através das escadas presentes no piso 0 ou, então, pelo elevador ao lado das mesmas. Como já mencionado o piso 1 está definido como uma zona privada apenas para pessoas que ali pernoitem, por tal, foram propostos apenas 6 quartos permitindo alojar 14 pessoas e duas salas de convívio.

Inicialmente a proposta criada apresenta os quartos no espaço dos salões existentes do edifício, figura 56, a ideia era criar os quartos todos na mesma zona interior evitando que as pessoas necessitassem de sair para a parte exterior para irem para os quartos. Os quartos foram, então, desenvolvidos no espaço onde se situam os salões e, as salas seriam desenvolvidas na parte que apenas tem acesso pela varanda exterior. A proposta dos quartos não resultou, porque primeiramente não se pode mexer nas paredes estruturais existentes e, segundo, pelo motivo dos tetos dos salões serem trabalhados em madeira.



Figura 56 - Estudo de proposta do piso 1,
Fonte: Autor

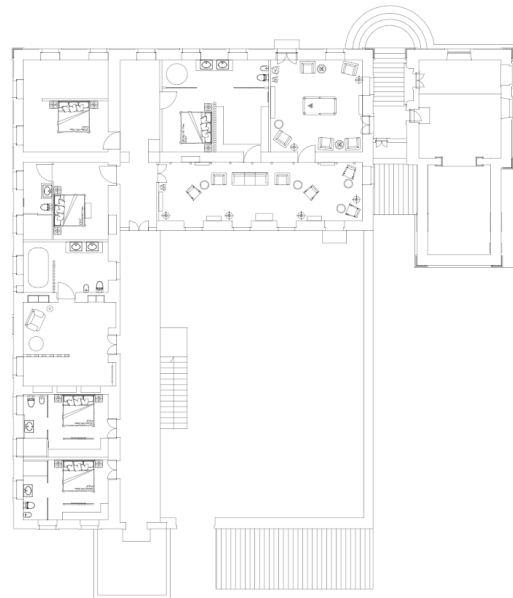


Figura 57 - Estudo de proposta do piso 1,
Fonte: Autor

Os quartos tiveram que ser continuados a trabalhar de maneira a desenvolver um espaço que se adequasse aos mesmos pois, não se pode descaracterizar os elementos existentes na habitação logo, houve a necessidade de se solucionar algo mais funcional que não mexesse com os tetos. A proposta das salas, conseqüentemente, também não funcionou, pois, foi necessário trocar os espaços, ou seja, a melhor forma solucionada de maneira a preservar o edifício foi colocando a sala de convívio e de jogo no espaço existente dos salões de maneira a preservar os mesmos e, dando a oportunidade de todos usufruírem de um espaço com uma característica diferente. Os quartos acabaram por ser propostos nos restantes espaços pois, devido á preocupação com a preservação do edifício houve a necessidade de se moldar as zonas aos espaços colocando os quartos nas áreas mais adequadas. Explicando melhor a organização dos mesmos, foram propostos três quartos aos quais o acesso é feito pela varanda exterior do piso 1, diferenciando-se um dos três caracterizado como um quarto familiar com mezanine. Os três restantes quartos foram colocados na parte interior do edifício sendo um adequado para mobilidade reduzida.

Ao longo do desenvolvimento da proposta os quartos foram melhor definidos diferenciando-se dois dos restantes. Foi proposto um quarto familiar com mezanine, no espaço de uma antiga cozinha tradicional que contém um teto construído em vigas de madeira, com o pavimento e paredes em pedra tendo um pé-direito de 7,25m, daí ser proposto a realização de uma mezanine, pois, o espaço permite a criação da mesma sendo esta um ponto interessante e atrativo para turistas. Seguindo pela varanda entra-se no restante espaço interior da habitação que dará acesso a mais três quartos propostos sendo um destes um quarto adaptado para pessoas de mobilidade

reduzida estando apropriado, também, para pessoas sem condicionantes. O quarto foi proposto neste espaço devido, também, á sua maior área que é necessária para ser funcional para as pessoas de mobilidade condicionada.

8.3. Proposta final

Os estudos das plantas do piso 0 e do piso 1 referidos e analisados sofreram algumas alterações necessárias para se adequarem, para tal, irão ser abordadas as propostas finais justificando cada alteração que foi necessária para chegar a uma boa funcionalidade dos espaços. Como se pode observar na figura 58, a planta do piso 0 sofreu algumas alterações em espaços específicos como a entrada para a habitação, a receção, a copa, a zona de funcionários e a zona dos arrumos. Estando o piso disposto com receção, arrumos área exterior/casa das máquinas, instalações sanitárias sociais, sala de refeições, copa, zona de funcionários, zona de arrumos de roupa suja e limpa e zona de adega e lagar de vinho.

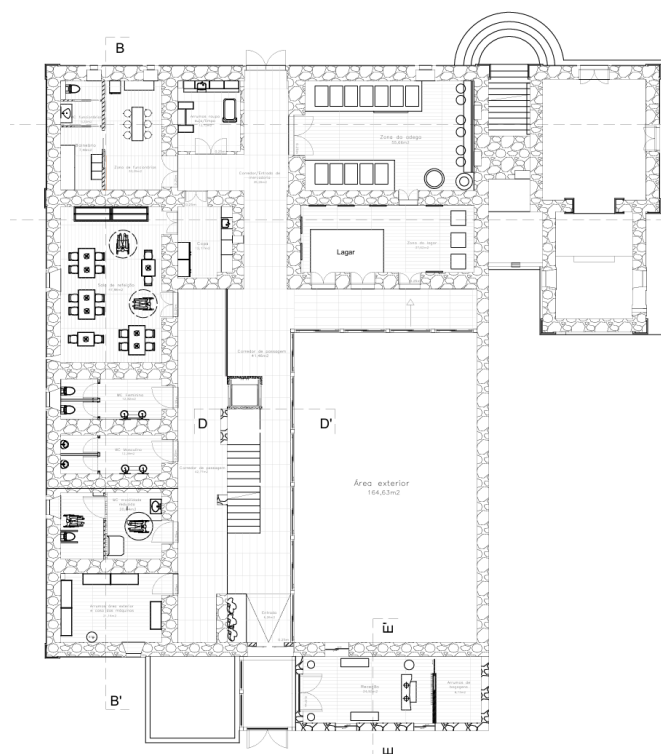


Figura 58 - Planta de apresentação do piso 0, Fonte: Autor

Primeiramente, a entrada para a habitação situa-se na parte posterior devido ao estacionamento estar aí localizado pois, é onde contém mais terreno e mais espaço para conter um bom estacionamento. Propôs-se uma estrutura metálica envidraçada, figura 59, que foi prolongada para a parte de fora da habitação para, também, proteger as pessoas na parte que se entra para a mesma estando situada, seguidamente, a receção. Esta foi trocada de sítio, porque onde se situaria não seria funcional nem totalmente visível pelos turistas logo, foi trocado para um espaço mais visível que permita ser o primeiro a ter contacto para quem chega fazendo sentido que esta seja a primeira paragem dos clientes.

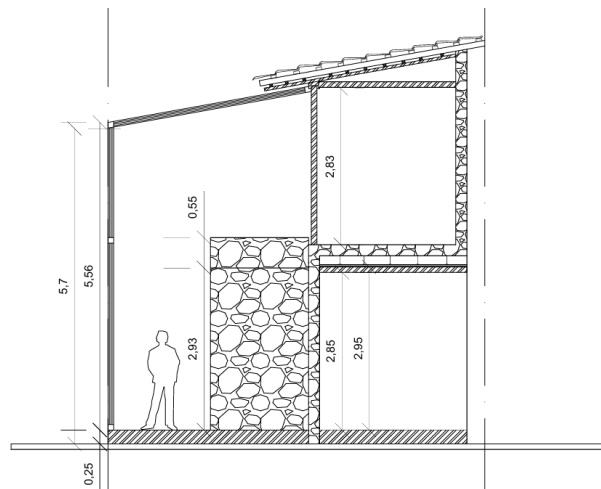


Figura 59 - Corte DD', Fonte: Autor

No interior da receção os seus clientes terão oportunidade de arrumar a sua bagagem caso o necessitem ou queiram ir visitar outros sítios enquanto não chega a hora do seu check-in. O facto de às vezes sermos sujeitados a esperar para ser atendidos é algo incomodativo, então, foram colocados bancos para se puderem sentar se o necessitarem e optarem.

Para a zona da receção foi desenvolvido um balcão feito á medida adequado ao espaço. Sendo a receção o primeiro espaço com o qual os turistas têm primeiro contacto e visibilidade é, também, neste espaço que vão conseguir perceber um pouco do ambiente e do meio envolvente que ali existe. Após uma análise sobre os principais materiais e características da zona, foram pensadas propostas de como se poderia realizar o equipamento de forma a ser funcional e prático.

Portanto, visto isto, o balcão terá 1000mm de altura por 1900 de largura, como se pode observar na figura 60, o qual foi pensado e criado de forma a ter uma pequena mesa embutida no próprio balcão com 500mm para que tenha espaço para conter o computador de serviço e, três pequenas prateleiras juntamente com uma prateleira projetada na horizontal com 250mm por baixo da mesa de trabalho onde se possa colocar a máquina de pagamento, um pequeno cofre e as chaves dos quartos permitindo ainda, se for necessário, espaço para colocar dossiês.



Figura 60 - Maquete de estudo do balcão, Fonte: Autor

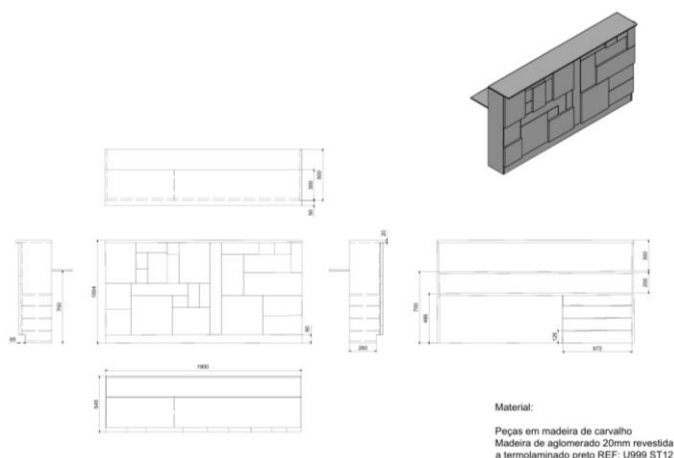


Figura 61 - Desenho de conjunto do balcão, Fonte: Autor

Os materiais pensados para criar o balcão foram a madeira de aglomerado com 20mm de espessura revestida com termolaminado preto com o propósito de apenas a parte frontal do equipamento ser o destaque, o qual é composto por várias peças de madeira a criar um efeito 3D como se algumas das mesmas saíssem do balcão.

No alojamento foi proposta a criação de uma rampa para acesso de pessoas de mobilidade reduzida devido á elevação do pavimento para 25cm pois, as portas de acesso aos espaços do piso 0 continham um degrau de 27 cm o que não permitiria o acesso a pessoas condicionadas e não facilitaria nem seria funcional para as pessoas, consequentemente, foi proposto a elevação de todo o pavimento do piso 0 para 25 cm. Seguidamente, como já mencionado, tem uma estrutura para proteção das pessoas e onde as mesmas podem circular sem ter condicionantes.

É de enorme relevância, desde já, que todos os tetos do piso 0 eram compostos por vigas de madeira nas quais o pavimento do piso 1 está assente logo, em questões acústicas não existirá isolamento algum. Para passarem as tubagens de água para o piso 1 a única solução encontrada seria colocar tetos falsos para que a mesma fosse por aí direcionada subindo pelas paredes criadas no mesmo. Visto isto, foi proposto colocar tetos falsos em todos os tetos do piso 0 exatamente por esses motivos referidos, pois seria impossível passar as tubagens ou até mesmo a rede elétrica pelas paredes de pedra existentes na habitação, assim como, permite a solução acústica Na adega e na passagem do túnel foram colocados tetos falsos apenas entre as vigas de madeira para que estas fiquem visíveis mantendo um pouco da sua característica, visto que, nestes espaços não será necessário passar tubagem, mas será necessária a passagem da rede elétrica e a colocação de isolamento acústico.

Seguindo a entrada para o piso 0 encontram-se as escadas e dois corredores, sendo um deles o corredor criado pela estrutura adicionada ao espaço. Aqui, o corredor concebido pela estrutura dará ás escadas e ao elevador que fará o acesso

para o piso 1, conseqüentemente, também, dará acesso á adega e ao lagar de vinho, onde foi proposto a criação de um pequeno roteiro turístico para cerca de 8 pessoas. Neste roteiro é dada a oportunidade a pessoas residentes e não residentes de visitar e conhecer o espaço da antiga produção de vinho tradicional, conhecendo as pipas de vinho existentes da habitação e os utensílios antigamente utilizados, assim como, um pouco dos vinhos verdes da zona do Minho. A ideia foi proposta para preservar o espaço e os objetos antigos que hoje em dia não são tão comuns, podendo ser observados os espaços propostos na figura 62.

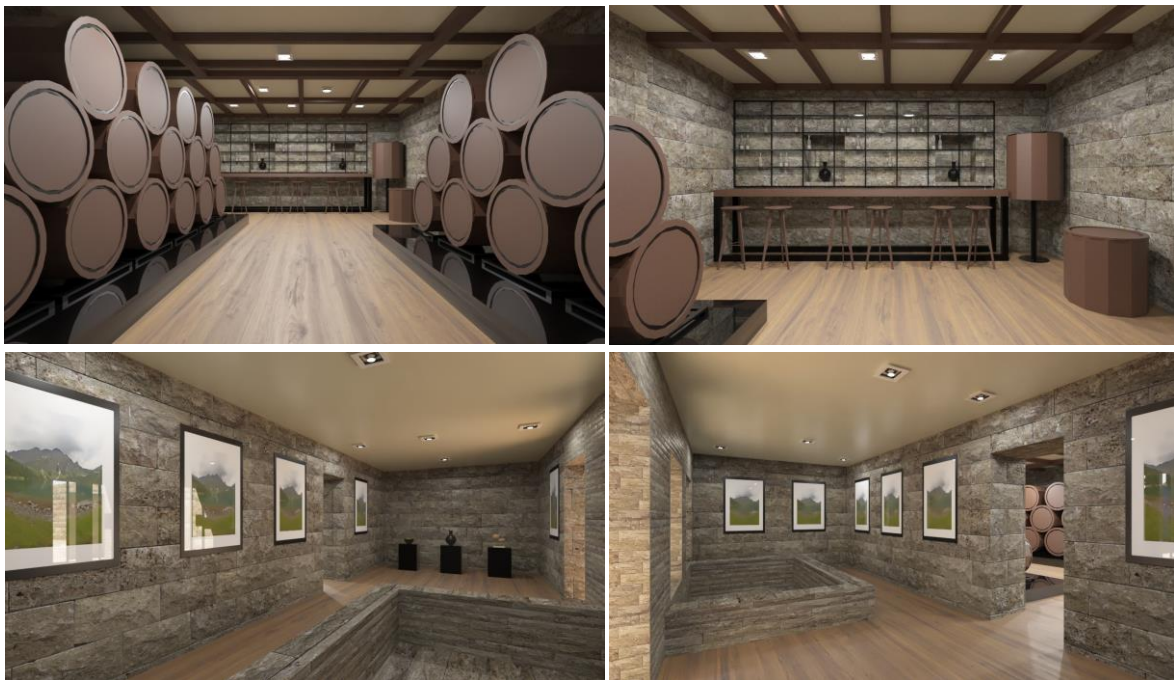


Figura 62 - Renders da adega e do lagar de vinho, Fonte: Autor

As instalações sanitárias sociais e a sala de refeições estão projetadas no mesmo local de circulação, como se pode observar na figura 63, pois, é onde haverá maior circulação de pessoas logo, foram colocados no mesmo sentido para não existirem percursos distintos, apenas mantendo uma única circulação. Foram criadas três instalações sanitárias, uma adequada á mobilidade reduzida, uma instalação sanitária masculina e uma feminina. As instalações sanitárias feminina e masculina foram projetadas com cabines sanitárias permitindo a utilização das mesma por mais que uma pessoa, assim como, foram instalados dois lavatórios pedestrais, evitando a espera para qualquer necessidade ocorrida, figura 63. A instalação sanitária para mobilidade reduzida, figura 63, foi instalada num espaço com uma área maior que as restantes instalações sanitárias, pois, este tem uma boa dimensão para este tipo de necessidade e para as manobras necessitadas pelas pessoas de mobilidade reduzida.

Na sala de refeições apenas será servido pequeno almoço com serviço de buffet até há hora de almoço, tendo este lugar para apenas 16 pessoas pois, no alojamento

necessárias que contenham; um pequeno espaço de balneário com cacifos onde podem fazer a troca de roupa e guardar as suas necessidades e pertences; e, por último, uma instalação sanitária privativa. Este espaço irá ser utilizado por um total de 6 funcionários pois, será necessário ter duas pessoas responsáveis pela parte das limpezas e arrumos da roupa; duas pessoas para a zona de copa onde será realizado o apoio ao buffet e colocação de comida no mesmo, assim como, a sua arrumação e limpeza; uma pessoa responsável pelo pequeno roteiro turístico no lagar e na adega; e, por fim uma pessoa para a zona da receção.

Passando para a copa, esta está colocada num espaço de pequena dimensão pelo simples facto de nesta apenas serem efetuados pequenos serviços de apoio á sala de refeição servindo apenas pequeno almoço com serviço de buffet. Foi proposto a colocação de um mobiliário industrial para cumprir o certificado de segurança e higiene.

Por fim, a zona dos arrumos da roupa suja e limpa apenas terá uma zona com arrumações de produtos que sejam necessários para efetuar as limpezas; uma zona de arrumação das roupas de cama e têxteis de casa de banho, assim como, um cesto industrial para o transporte dos mesmos.

Passando para o piso 1, o acesso ao mesmo é feito através das escadas ou do elevador dando logo de seguida á varanda que dá acesso aos quartos e aos restantes espaços da habitação. O número de quartos mantém-se - 6 quartos - apenas são alteradas de sítio a sala de convívio e a sala de jogo e o quarto que estava situado no espaço dos salões, sendo criada uma instalação sanitária comum. Na planta da figura 65 consegue-se observar que nos dois espaços dos salões foram propostas a sala de convívio e a sala de jogo, pois o facto do espaço ser constituído por um teto trabalhado e arredondado com 4,24 m de altura não permitiu a criação dos quartos nos mesmos, logo, foi solucionado que nestes seriam propostas as salas dando, também, um maior interesse a quem o ocupa podendo todos usufruir de um espaço diferente com características e valores próprios.

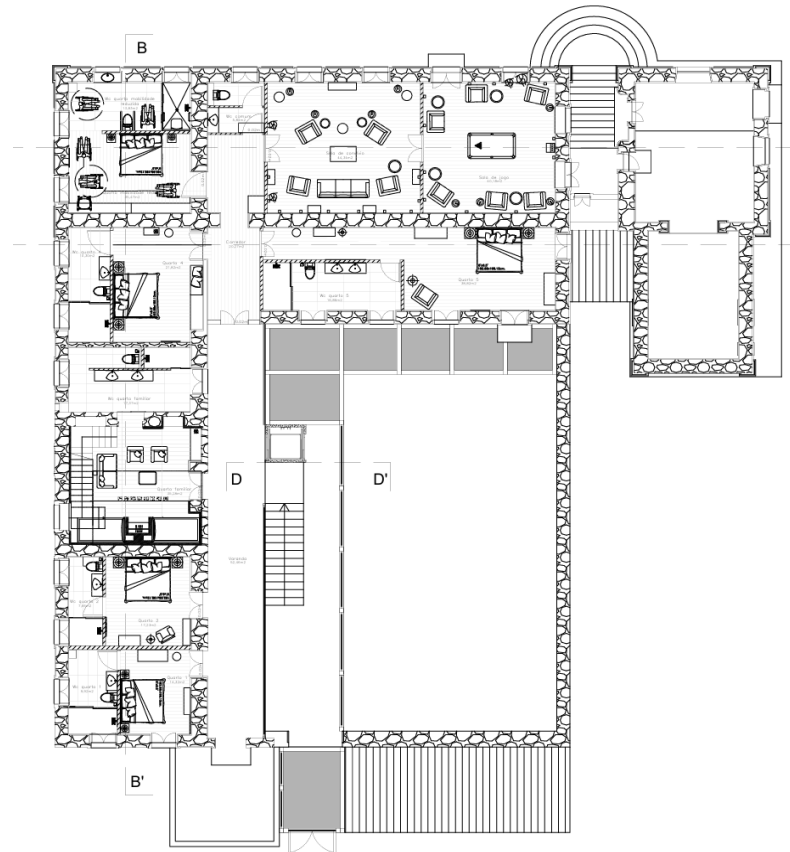


Figura 65 - Planta de apresentação do piso 1, Fonte: Autor

Os quartos seguem quase todos a mesma lógica e a mesma função os únicos que se diferenciam são o quarto familiar com mezanine e o quarto criado para a mobilidade reduzida. Um dos quartos que se situava num dos salões está proposto no espaço que fica de frente para os mesmos, embora seja um espaço de grande dimensão era onde melhor se situava pois, foi tentou-se colocar num dos salões, mas ficaria apertado, com pouca fluidez e funcionalidade, logo, foi proposto o sexto quarto da habitação. O quarto familiar com mezanine contém 7,25m de pé-direito, podendo ser observado na figura 66, permitindo a criação de uma mezanine a 3m de altura. Utilizando pilares para sustentar a mezanine utiliza-se os mesmos para, também, de certa forma, fazer uma separação entre a zona de dormir e a zona de estar.

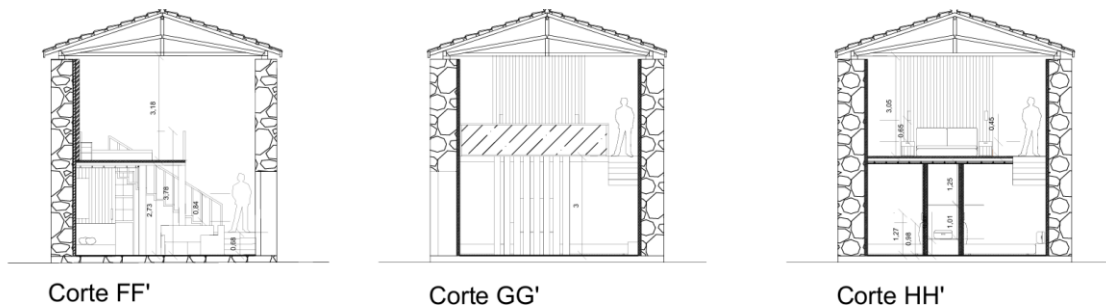


Figura 66 - Corte FF', GG' e HH' - Quarto familiar com mezanine, Fonte: Autor

O espaço contém características muito próprias tais como, ser todo em pedra e ter um teto feito com vigas de madeira, embora, neste tenha sido necessário colocar paredes em gesso cartonado com isolamento. Justificando melhor esta escolha, foi pelo motivo do material existente estar um pouco degradado devido á humidade que foi entrando, assim como, por ser um tipo de material que transmite frieza e não é muito confortável para quem o utilizará. A pedra tem uma característica própria que o torna mais interessante e atrativo para os turistas, então, foram deixados pequenos detalhes da parede existente para não desvalorizar nem retirar totalmente a sua característica, podendo ser observado na figura 67.

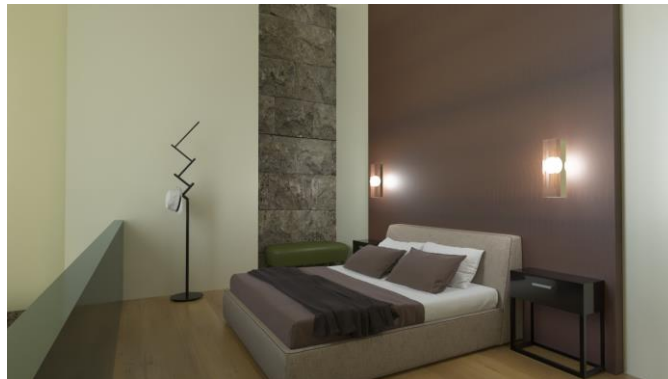


Figura 67 -Render da mezanine, Fonte: Autor

É importante mencionar que em todos os quartos foram mantidas as máximas características possíveis apenas se necessitou pintar os tetos de branco pois, o espaço é muito escuro devido ao uso da madeira intensiva e, o objetivo é tornar o espaço leve, aberto e harmonioso.

Nas 6 instalações sanitárias foi proposto colocar revestimento, ou seja, a ideia de o colocar surgiu devido a todo o espaço ser repleto de madeira no pavimento, então, para o preservar foi proposto colocar um revestimento cerâmico por cima do atual pavimento assim como nas paredes.

O quarto de mobilidade reduzida foi pensado e projetado no local onde se situa devido á maior área que é necessária para criar um espaço adequado. Este também foi pensado de forma a ser utilizado por pessoas que não sejam condicionadas permitindo sempre que o espaço seja utilizado. Neste quarto o mobiliário colocado baseia-se no mesmo mobiliário dos restantes contendo, este, dois equipamentos feitos á medida de forma a responder ás necessidades destas pessoas permitindo usufruir de um espaço onde se sintam confortáveis e acolhidos.

Foi proposta uma instalação sanitária comum na mesma zona da sala de convívio e de jogo propositadamente para que, as pessoas que estejam nestas salas não tenham que ir necessariamente aos quartos onde residam, até porque, para quem esteja nos quartos que apenas tem acesso pelo exterior não seria funcional e prático.

Por último a sala de convívio e a sala de jogo, figura 68, foram mantidas nos antigos salões existentes da habitação. A sala de convívio está proposta de forma a poderem estar 10 pessoas sendo projetada com o objetivo de poderem estar no mesmo espaço sentindo-se á vontade e podendo conviver. A sala de jogo tem apenas acesso pela sala de convívio tendo sido neste proposto o jogo do bilhar. O motivo da escolha de ser bilhar foi pelo simples facto de ser um jogo característico das antigas classes sociais e por ser um tipo de jogo que cria contacto e convívio entre as pessoas pois, o objetivo neste é criar o mesmo entre os residentes.



Figura 68 -Render sala de convívio e sala de jogo, Fonte: Autor

8.4. Estrutura metálica e envidraçada

No início do projeto de reabilitação da Casa do Outeiro foi observada uma condicionante que poderia ser prejudicial para o projeto a qual consistia no grande espaço aberto que existe na área exterior da habitação, ou seja, a parte exterior do piso 0 que se encontra na parte posterior do edifício. Visto isto, foram feitas pesquisas e analisados casos de estudo que ajudassem na proposta desta estrutura para o projeto, de maneira a conseguir desenvolver uma estrutura corretamente construída conseguindo responder às necessidades presentes. O principal objetivo desta intervenção é fazer uma proteção para as pessoas de forma a não sofrerem com chuvas e ventos facilitando a sua circulação entre pisos, assim como, apenas no piso 0.

A estrutura desenvolvida tende a responder às condicionantes de forma funcional e estética a qual não será apenas uma estrutura, pois, de certa forma dará mais caracterização ao edifício não desvalorizando nem esquecendo os seus valores históricos existentes. Ao longo de todo o desenvolvimento do projeto esta estrutura foi desenvolvida e corrigida em vários aspetos e pormenores que não estariam tão bem resolvidos até chegar á sua finalização final. Inicialmente ter-se-ia proposto a entrada juntamente com a estrutura sem prolongar a mesma para a parte exterior como se pode observar figura 69.



Figura 69 -Maquete de estudo da estrutura, Fonte: Autor

Num segundo estudo foi retirada a ideia da porta de entrada do alojamento fazer parte da estrutura e apenas se colocaria até à finalização do muro, mas tal como mencionado achou-se mais funcional e interessante estender a mesma até zona do tanque dando a sua continuação para o exterior, o qual pode ser observado na figura 70.

Por fim, finalizada, figura 70, é composta por uma parte de duplo pé-direito e uma outra parte sem duplo pé-direito e, para dar um maior conforto ao cliente propôs-se a ampliação desta para o exterior do edifício, ou seja, para a parte da entrada do edifício junto á receção devido ao objetivo já mencionado. É importante referenciar que esta contém grandes janelas de correr que permitirão ás pessoas ir até á parte exterior do alojamento e, os vidros que serão colocados na mesma serão vidros específicos que não permitirão a entrada total de calor, mas também não reduzirá totalmente a iluminação, para solucionar esse aspeto serão colocados vidros da empresa Vitrochaves.



Figura 70 - Maquete de estudo final da estrutura, Fonte: Autor

8.5. Materiais e paleta cromática

Os materiais, a nível estético, são dos elementos que mais são importantes no espaço são os que o caracterizam e são, também, os mais importantes no que toca a nível de construção ou reabilitação, referindo o caso do projeto proposto. Os que mais predominam a nível de reabilitação dos espaços no projeto são os seguintes:



Figura 71 - Representação de alguns materiais utilizados

Explicando melhor para o que cada material servirá e resolverá começemos pela telha, esta, juntamente com o gesso cartonado e o isolamento térmico e acústico tem como objetivo substituir a cobertura existente melhorando a sua resistência e isolamento, pois, esta encontra-se com alguma degradação deixando passar humidade para o interior do edifício que é bastante perceptível acabando por, também, degradar o material existente na mesma.

O isolamento térmico e acústico e o gesso cartonado servirão para criar tetos falsos no piso 0, pois, estes não foram possíveis de preservar. O teto existente é composto por vigas de madeira que sustentam o soalho de madeira do piso 1 logo,

primeiramente, não existirá nenhum tipo de isolamento acústico e, secundamente, não permitiria a passagem da tubagem para o piso 1, a qual não poderia ser realizada através das paredes estruturais de pedra, nem permitiria a passagem de rede elétrica para a iluminação. A solução proposta para estes aspetos será criar tetos falsos em todo o piso 0 de forma a permitir o isolamento acústico para o piso 1 onde se situam os quartos e, também, pela necessidade da passagem da tubagem da rede de águas e de toda a unidade elétrica necessária.

É de enorme relevância mencionar que o quarto familiar situado no piso 1 está situado na antiga cozinha tradicional deste edifício, contendo 7,25m de pé-direito e sendo todo o espaço – paredes e pavimento – em pedra de granito. Devido ao motivo da cobertura estar com pouca resistência deixando passar humidade para o interior, neste espaço a mesma é bastante visível no próprio material – a pedra – logo para esta condicionante teve que se arranjar uma solução. Devido não só ao já referido é importante mencionar que o próprio material não transmite muito conforto térmico tornando o espaço frio e desconfortável, conseqüentemente, por estes dois motivos foi solucionado colocar um novo pavimento em madeira, pois a madeira é uma material que transmite conforto e, serão revestidas as paredes com gesso cartonado e isolamento térmico deixando apenas algumas partes das mesmas com a pedra existente visível, que se pode observar na figura 72, precisamente para o espaço não perder a sua característica por completo.

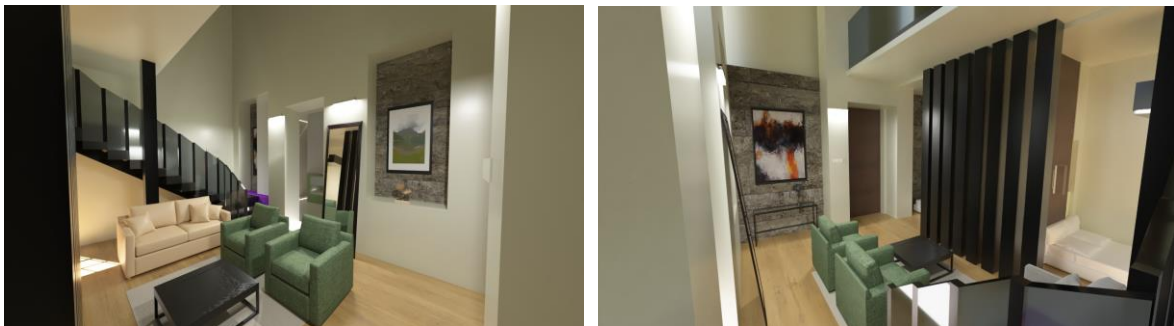


Figura 72 - Quarto familiar, Fonte: Autor

A pedra granito será utilizada com a função de preencher a parede da varanda exterior do piso 1, pois, esta contém uma pequena parte na qual não existe preenchimento o que, conseqüentemente, prejudicará todo o interior da habitação.

As portas interiores do piso 1 são portas antigas que seriam comuns e utilizadas neste tipo de habitação logo, todas estas serão envernizadas e tratadas para as manter e preservar. Todas as portas que serão adicionadas terão as mesmas características das já existentes, ou seja, terão molduras e os detalhes decorativos que as existentes contêm.

Por fim, as janelas do edifício serão todas substituídas por vidro duplo e por uma nova caixilharia para permitir um melhor conforto térmico e acústico, colocando os mesmos detalhes decorativos nas janelas que são característicos deste edifício.

A nível de materiais estéticos utilizados apenas será mais utilizada a madeira no que toca aos pavimentos, pois no piso 0 todo o pavimento sofreu uma elevação de 25cm adicionando um novo pavimento em madeira, figura 73, de forma a melhorar o conforto. No piso 1 o pavimento será o existente apenas será envernizado e tratado para ganhar uma melhor resistência e brilho.

Nos espaços das instalações sanitárias do piso 1 será colocado um pavimento cerâmico branco por cima do pavimento existente de forma a não degradar o mesmo pelo motivo de ser um espaço húmido e, serão revestidas as paredes até 1,20m de altura com revestimento cerâmico de tons verdes e beges como se pode observar na figura 73.

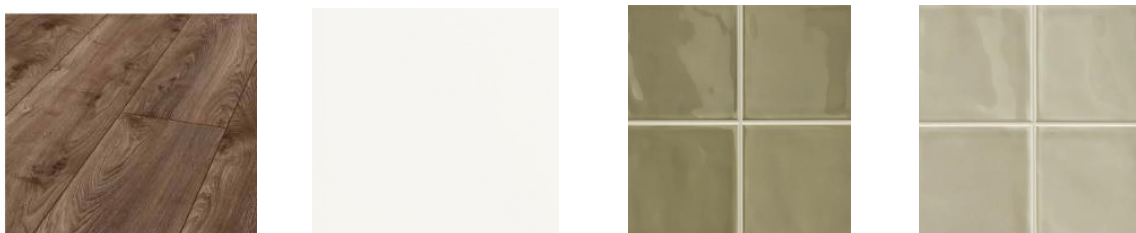


Figura 73 - Alguns dos materiais utilizados no interior

Em relação á paleta cromática o objetivo da aplicação das mesmas aplica-se mais no piso 1 pois, o piso 0 é constituído apenas por pedra, mas serão pintados os tetos falsos criados com um tom bege de forma a deixar o espaço mais aberto e harmonioso da mesma forma que o deixa mais confortável e quente, pois a pedra é um material que transmite frio e pouco conforto.

No piso 1, já como mencionado, serão aplicados tons claros dentro dos tons beges pois, o interior desta habitação é constituído por madeira tanto nos pavimentos como nos tetos o que torna o espaço muito frio, escuro e fechado e, o objetivo é conseguir transmitir o contrário - mantendo as características existentes - um espaço quente, claro e aberto através da paleta cromática e dos materiais. Foram escolhidos os tons mais claros, como se pode observar na figura 74, de forma a conseguirem transmitir conforto e harmonia. Para complementar o espaço serão aplicados os tons verdes e bordôs em pequenos detalhes e pormenores, pelo motivo de estes serem cores do meio envolvente onde se situa, ou seja, o verde pelo facto de ser num meio rural onde se vê muito os verdes nas árvores e nos campos e, o bordô pelo motivo das vindimas e das uvas. Estes serão aplicados em pequenos detalhes para não se destacarem em relação ao restante, pois, são tons que também acabam por ser um pouco escuros se forem aplicados em exagero.



Figura 74 - Renders dos quartos 3 e Mobilidade reduzida, Fonte: Autor

8.6. Iluminação

A iluminação é um ponto importante nos espaços e com a qual também se consegue transformar e criar o mesmo sendo uma das características mais importantes que deve ser realizada de forma coerente. Para realizar a planta de iluminação dos dois pisos da habitação foi necessária a realização de cálculos que determinassem os lumens necessários, pois, contendo áreas com alguma dimensão é necessário conseguir entender o tipo de iluminação a ser utilizada de forma a constituir um espaço que não tenha demasiada ou pouca luz.

De seguida será apresentado um exemplo dos cálculos de iluminação natural e artificial do quarto de mobilidade reduzida que indicará e justificará a iluminação que neste foi utilizada.

- **Iluminação natural**

Revestimentos:

Pavimentos: madeira escura 10%

Teto: Branco 85%

Paredes menores: creme pálido 80%

Paredes maiores: creme pálido 80%

$T_v = 82\%$ - vidro incolor + incolor

$K_o = 0,9$ - valor de correção da sujidade dos vidros

A_s = área do pavimento e do teto + área das paredes menores + área das paredes maiores

$$A_s = (6,59 \times 5,62) \times 2 + (5,62 \times 3,50) \times 2 + (6,59 \times 3,50) \times 2$$

$$A_s = 37,04 \times 2 + 19,67 \times 2 + 23,07 \times 2$$

$$A_s = 74,08 + 39,34 + 46,14$$

$$A_s = 159,56 \text{ m}^2$$

Refletância média ponderada

$$R = (\sum R_i A_i) / \sum A_i$$

R = área do pavimento x refletância + área do teto x refletância + área das paredes menores x refletância + área das paredes maiores x refletância

$$R = (37,04 \times 0,10) + (37,04 \times 0,85) + (19,67 \times 0,80) \times 2 + (23,07 \times 0,80) \times 2 / 159,56$$

$$R = 3,704 + 31,48 + 15,74 \times 2 + 18,46 \times 2 / 159,56$$

$$R = 3,704 + 31,48 + 31,48 + 36,92 / 159,56$$

$$R = 103,58 / 159,56$$

$$R = 0,64916 = 0,65$$

Área dos envidraçados

$$A_v = \frac{A_s (1 - R^2) FLDM}{K_0 \cdot \theta \cdot T_v}$$

$$A_v = \frac{159,56 \times (1 - 0,62^2) \times 2}{0,90 \times 70^\circ \times 0,82}$$

$$A_v = \frac{159,56 \times 0,42 \times 2}{0,90 \times 70^\circ \times 0,82}$$

$$A_v = \frac{134,03}{51,66}$$

$$A_v = 2,59 \text{ m}^2$$

Fator de luz do dia médio

$$FLDM (\%) = K_0 \frac{A_v T_v \theta}{A_s (1 - R^2)}$$

$$FLDM = \frac{0,9 \times 2,59 \times 0,82 \times 70^\circ}{159,56 \times (1 - 0,65^2)}$$

$$FLDM = \frac{148,66}{159,56 \times 0,42}$$

$$\text{FLDM} = \frac{148,66}{67,02}$$

$$\text{FLDM} = 0,9 \times 2,22$$

FLDM = 1,998 = 2% → Considerado bom, porque o valor recomendado é entre 1,5% e 2,5%

- **Iluminação artificial**

Informações:

Comprimento: 6,59m

Largura: 3,75m

Pé-direito: 3,50m

Altura do plano: 1,75

Revestimentos:

Teto: Branco = 85%

Paredes: creme pálido = 80%

Plano de trabalho; madeira escura = 10%

Área a iluminar	Altura útil (hu)	Fator de depreciação
S = C x L	3,50 - 1,75 - 0,45 = 1,30	Limpo: 0,88
S = 5,62 x 3,70		
S = 20,79m ²		

Índice do local (K)

$$K = (c \times l) / (c+l) / hu$$

$$K = (5,62 \times 3,75) / (5,62 + 3,75) / 1,30$$

$$K = 20,79 / 9,32 / 1,30$$

$$K = 1,715 = 1,72$$

Coefficiente (u) = 61%

Fluxo luminoso (θT)

$$\theta T = E.S. (d/u)$$

$$\theta T = 80 \times 20,79 \times (0,88/0,61)$$

$$\theta T = 80 \times 20,79 \times 1,44$$

$$\theta T = 2395 \text{lm}$$

Número de pontos de luz (N)

$$N = \theta T / \theta L$$

$$N = 2395/2170$$

$$N = 1,10 = 1 \text{ lâmpada}$$

Foram escolhidas três luminárias suspensas uma central com 2170lm e duas para colocar na mesinha de cabeceira com 199lm:

DAMA 3235 | 2170lm | VIBIA

SLIM 199 lm | VIBIA

Iluminação artificial para a instalação sanitária

Área a iluminar

$$S = C \times L$$

$$S = 5,62 \times 2,24$$

$$S = 12,59 \text{ m}^2$$

Altura útil (hu)

$$3,50 - 2,00 = 1,50$$

Fator de depreciação

Limpo: 0,88

Índice do local (K)

$$K = (c \times l) / (c+l) / hu$$

$$K = (5,62 \times 2,24) / (5,62 + 2,24) / 1,50$$

$$K = 12,59 / 7,86 / 1,50$$

$$K = 1,0678 = 1,07$$

Coefficiente (u) 62%

Fluxo luminoso (θT)

$$\theta T = E.S. (d/u)$$

$$\theta T = 100 \times 12,59 \times (0,88/0,62)$$

$$\theta T = 100 \times 12,59 \times 1,42$$

$$\theta T = 1787,78 = 1788\text{lm}$$

Número de pontos de luz (N)

$$N = \theta T / \theta L$$

$$N = 1788 / 1943\text{lm}$$

$$N = 0,920 = 1 \text{ lâmpada}$$

Foi escolhida uma luminária de 1943lm para o espaço

Slice PI L WEI R | 1943lm

9. Conclusão

A Casa do Outeiro é uma casa senhorial que me entusiasmou, mas ao longo do percurso e desenvolvimento da sua reabilitação este projeto revelou-se um verdadeiro desafio.

Diversos problemas foram aparecendo e para estes teriam que se arranjar soluções de forma a moldarmo-nos ao próprio espaço e neste desenvolver o que o mesmo permite. Embora tenha sido bastante desafiador foi, também, muito enriquecedor no que toca a aprendizagens e conhecimentos de diversos aspetos.

As maiores dificuldades sentidas que, de certa forma, dificultaram o desenvolvimento do projeto foram as condicionantes que o mesmo tem, como paredes existentes, tetos trabalhados, pavimentos e elementos muito específicos que devem ser mantidos. Talvez estes tenham dificultado apenas no início pois, tornou-se numa forma de aprendizagem sobre algo que nunca teria tido conhecimento aprofundado e, neste momento são adquiridos o máximo de conhecimentos retirados com este projeto.

Quanto ao projeto em si conclui-se que o edifício ficou dividido em dois pisos – piso 0 e piso 1 – projetando o piso 0 mais direcionado para espaços onde haverá maior circulação de pessoas, com a proposta de um pequeno roteiro turístico na adega e no lagar de vinho que dá oportunidade a pessoas que não vão ficar alojadas de usufruir, igualmente, do roteiro turístico. No piso 1 projetado com zonas privadas dedicadas apenas para os residentes. Foram conseguidos projetar 6 quartos no total dando a possibilidade de serem alojadas 14 pessoas, contendo 4 suítes de casal, um quarto familiar com mezanine e um quarto adequado para mobilidade reduzida.

Concluindo, de um ponto de vista profissional este projeto será uma mais valia pois, consegui adquirir imensas aprendizagens que no futuro irão ser aplicadas em projetos que surgirão. Visto isto, foi um projeto bastante enriquecedor que ajudou a tomar conhecimentos a nível profissional como futura designer de interiores e equipamento.

10. Referências Bibliográficas

- António Vaz, Henrique (Outubro, 2021), CASA SENHORIAL, Como desencadeante de um processo de reabilitação, Reabilitação do palácio da Quinta das Águias na Junqueira para uma Unidade Hoteleira, (Tese de mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa) Repositorio da Universidade de Lisboa
<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/23108/2/Casa%20senhorial%20como%20desencadeante%20de%20um%20processo%20de%20reabilita%C3%A7%C3%A3o%20Reabilita%C3%A7%C3%A3o%20do%20Pal%C3%A1cio%20da%20Quinta%20das%20%C3%81guias%20na%20Junquei~2.pdf>
- AVELEDA – ENOTURISMO|Na Rota do Vinho Verde. (nd).
<https://www.aveleda.com/pt/enoturismo/quinta-da-aveleda>
- Tavares, B. (2021, 16 de Dezembro). 1º Entrega – A Metodologia Projetual de Bruno Munari e a Desigualdade Social, <https://medium.com/@bia-tavares/1%C2%AA-entrega-a-metodologia-projetual-de-bruno-munari-e-a-desigualdade-social-7e65bad6ba41>
- Camposinhos, Rui. (2017, novembro), manual do DIMENSIONAMENTO DE FACHADAS ENVIDRAÇADAS Comportamento Estrutural, https://www.academia.edu/35229699/manual_de_DIMENSIONAMENTO_DE_FACHADAS_ENVIDRA%C3%87ADAS_COMPORTEMENTO ESTRUTURAL
- Câmara Municipal de Celorico, (2022a, maio 18), Capital das Camélias – Câmara Municipal de Celorico de Basto. Câmara Municipal de Celorico de Basto, <https://www.mun-celoricodebasto.pt/visite-celorico/capital-das-camelias/>
- Câmara Municipal de Celorico, (2022b, maio 26), Saborear – Câmara Municipal de Celorico de Basto. Câmara Municipal de Celorico de Basto, <https://www.mun-celoricodebasto.pt/visite-celorico/o-que-fazer/saborear/>
- Câmara Municipal de Celorico, (2022c, maio 26), O que fazer – Câmara Municipal de Celorico de Basto. Câmara Municipal de Celorico de Basto, <https://www.mun-celoricodebasto.pt/visite-celorico/o-que-fazer/>
- Câmara Municipal de Celorico, (2022d, maio 18), Património – Câmara Municipal de Celorico de Basto. Câmara Municipal de Celorico de Basto, <https://www.mun-celoricodebasto.pt/visite-celorico/patrimonio/>
- Câmara Municipal de Celorico, (2022e, maio 26) Românico de Celorico de Basto – Câmara Municipal de Celorico de Basto. Câmara Municipal de Celorico de Basto, <https://www.mun-celoricodebasto.pt/visite-celorico/patrimonio/romnico-de-celorico-de-basto/>
- Decreto-Lei nº 220/2008, de 12 de novembro, <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/220-2008-439866?ts=1712927777994>

Decreto-Lei nº 163/2006, de 08 de agosto, https://pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=3110&tabela=leis&so_miolo=

Decreto-Lei nº 38382/51, de 07 de agosto, https://pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1217&tabela=leis

Fé. (nd-b), Visita-nos, <https://pt.cockburns.com/visit-us>

GOOGLE, imagem, Disponível em: https://www.google.pt/imgres?q=produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20vinho%20de%20antigamente&imgurl=https%3A%2F%2Ffotos.web.sapo.io%2F%2Fi%2FG890817a6%2F19233499_ODwsg.jpeg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fportugaldeantigamente.blogs.sapo.pt%2Ftradicao-de-pisar-as-uvas-com-os-pes-8103&docid=8_OetG6mW3JZkM&tbnid=8FFiIbjAELORDM&vet=12ahUKEwihqbHC2I-

GOOGLE, imagem, Disponível em: FAxW2h_0HHblrBBsQM3oECHOQAA.i&w=640&h=444&hcb=2&ved=2ahUKEwihqbHC2I-

GOOGLE, imagem, Disponível em: FAxW2h_0HHblrBBsQM3oECHOQAA

José Rodrigues Francisco, Nuno. (2016, outubro), Projeto de base de uma adega para a produção de Vinho Verde, <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/47438/1/Nuno%20Jos%C3%A9%20Rodrigues%20Francisco.pdf>

Luco, A. (2023, 23 de setembro), Vilã|Casas de Campo/Logoexisto por Paz de Costa|Arquitetura + Interiores, ArchDaily, https://www.archdaily.com/1004634/villa-casas-de-campo-logoexisto-by-paz-de-costa-arquitetura-plus-interiores?ad_source=search&ad_medium=projects_tab

Martins, E. (2023, 21 de dezembro), Turismo Rural em Portugal – Apoios e Incentivos ao Turismo Rural – 2024, Mercal, <https://mercal.pt/turismo-rural-em-portugal/>

Moreira, S. (2023, 19 de setembro), A Casa de Campo Vagar/David Bilo + Filipe Pina, ArchDaily, https://www.archdaily.com/1006998/the-vagar-country-house-david-bilo-plus-filipe-pina?ad_source=search&ad_medium=projects_tab

Moreira, S. (2024, 28 de fevereiro), Bode Country House/PLATAFORMA Arq, ArchDaily, https://www.archdaily.com/1006932/bode-country-house-plataformarq?ad_source=search&ad_medium=projects_tab

Porto Ferreira|Vinhos do Porto Autênticos Desde 1751. (2024, 10 de janeiro). Sogrape, <https://portoferreira.com/pt>

Porto, T. (sd), Alojamentos e Caves – Porto Taylor’s, Porto de Taylor, <https://www.taylor.pt/en/port-wine-vineyards/lodges-cellars>

Poças Júnior. (2024, 3 de março), Home – Poças – Produtor Independente de CINHOS doc Douro e do Porto. Poças – Produtor Independente de Vinhos DOx C Douro e do Porto, <https://pocas.pt/>

SA, PI (nd). Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/enoturismo>

Scribbr, Scribbr – Seu caminho para o sucesso acadêmico, <https://www.scribbr.com/>

Trigueiro, OM (2016, 11 de outubro), Dia de São Martinho vai à Adega e prova o Vinho, <https://meiratrigueiro.blogspot.com/2016/11/dia-de-sao-martinho-vai-adega-e-prova-o.html>

Venha Visitar Caves Porto – Vinho do Porto|Sandeman, (nd), Sandeman, <https://www.sandeman.com/port-wine/visit/cellars-porto/>

Vinificação e o Processo de Produção do Vinho. (nd), <https://lmh-wines.pt/vinificacao-e-o-processo-de-producao-do-vinho/>

11. Referências bibliográficas

BEINHAUER, Peter. Atlas de Detalhes Construtivos, 2ª edição, Editorial Gustavo Gili, abril de 2012

CAMPOSINHOS, Rui de Sousa. manual de DIMENSIONAMENTO DE FACHADAS ENVIDRAÇADAS, Comportamento Estrutural, novembro de 2017

COSTA, F. Pereira da Enciclopédia Prática da Construção Civil, Edição do Autor, 1955, Portugália Editora

MACHADO, José Luís Pinto. Habitação rural, Sugestões para a renovação ou construção, Métodos construtivos e elementos tradicionais. 1ª edição 1981, Instituto Fontes Pereira de Melo

MUNARI, Bruno. Das Coisas Nascem Coisas, Edições 70, fevereiro de 2014